



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS**

MARINA RAISSA EMIDIA GURGEL

A CONSTRUÇÃO ANTICOLONIAL DO PERSONAGEM AQUILES EM *LUANDA, LISBOA, PARAÍSO*, DE DJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA

PATU

2022

MARINA RAISSA EMIDIA GURGEL

A CONSTRUÇÃO ANTICOLONIAL DO PERSONAGEM AQUILES EM *LUANDA, LISBOA, PARAÍSO*, DE DJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, *Campus Avançado de Patu* – CAP, Departamento de Letras Vernáculas -DLV, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciado em Letras - Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas.

Orientadora: Prof^a. Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo

PATU

2022

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

G979c Gurgel, Marina Raissa Emidia
A construção anticolonial do personagem Aquiles em Luanda, Lisboa, Paraíso, de Djaimilia Pereira de Almeida. / Marina Raissa Emidia Gurgel. - Patu-RN, 2022.
54p.

Orientador(a): Profa. Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Aquiles. 2. Personagem. 3. Anticolonialidade. 4. Luanda, Lisboa, Paraíso. 5. Literatura contemporânea de língua portuguesa. I. Figueiredo, Annie Tarsis Morais. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

MARINA RAISSA EMIDIA GURGEL

A CONSTRUÇÃO ANTICOLONIAL DO PERSONAGEM AQUILES EM *LUANDA*,
LISBOA, PARAÍSO, DE DJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, *Campus Avançado de Patu* – CAP, Departamento de Letras Vernáculas – DLV, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas.

Aprovada em: 22/09/2022

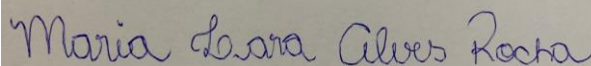
Banca Examinadora



Prof. Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN



Prof.^a Dra. Beatriz Pazini Ferreira
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN



Prof.^a Ma. Maria Lara Alves Rocha
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

AGRADECIMENTOS

Inicio externando os meus sinceros agradecimentos deste trabalho a Deus, pela oportunidade e capacidade que me concedeu de concluir este curso. Foram dias de muitas lutas, mas que foram essenciais para agregar a minha formação pessoal e profissional. Nesse sentido, diante de vários obstáculos e conquistas ao longo da graduação tenho comigo a seguinte passagem bíblica que remete a toda minha trajetória: “Tudo posso naquele que me fortalece.” Filipenses 4:13.

Agradeço também a instituição de ensino UERN, em específico do *Campus* Avançado de Patu-CAP/UERN e o Curso de Letras - Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas. Bem como aos excelentes docentes: Annie, Aline, Anikele, Beatriz, Gislania, Karoliny, Lailsa, Leidiana, Leandro, Luciana, Luís, Sidileide, Sanzio, Sueli, Tatiane e Thâmara. Pois todos tiveram sua contribuição na minha trajetória de formação acadêmica e pessoal. Desejo que continuem sempre sendo esses profissionais exemplares.

Em especial destaco a minha orientadora do Trabalho de Conclusão do Curso - TCC, a Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo que com muito zelo acreditou na minha proposta de análise e fez um excelente trabalho me auxiliando no processo de escrita, mantendo um profissionalismo exemplar durante essa fase que demanda muito comprometimento e disciplina, isso vem desde da participação no PIBIC que nos possibilitou o prazer pela pesquisa em literatura.

Ademais, sou grata a minha família, em especial aos meus pais que não mediram esforços em me ajudar com todos os custos, o incentivo em estudar ao longo do curso, por me entenderem em todos os momentos que eu mais precisei de todos vocês na realização desse sonho, que é não apenas meu, mas de vocês. Dessa forma, a minha motivação foram vocês para vibrarmos essa linda conquista.

Também sou grata à banca composta pelas professoras Dra. Beatriz Pazini Ferreira e Ma. Maria Lara Alves Rocha, externo a honra em tê-las neste momento especial da minha formação, como também pela leitura do texto e todas as contribuições e sugestões que foram solicitadas para melhorar ainda mais a pesquisa. Compreendemos que a banca examinadora tem um papel fundamental nesse processo, pois se torna um momento de discussões que aprimoram o olhar sobre objeto de estudo.

Agradeço aos amigos que acreditaram em mim, me ajudaram durante toda a graduação a todos e sem exceções! Pois contribuíram de alguma forma na minha trajetória acadêmica. Também agradeço a todos os amigos da minha turma de graduação, que possibilitaram ricas experiências que me permitiram crescer com vários aprendizados que conseguimos desenvolver juntos, ficam as lindas memórias que construímos na troca de saberes com todos os trabalhos que conseguimos realizar nas disciplinas. Desejo sucesso a todos!

Assim finalizo meus agradecimentos de forma sucinta, mas que contemplam a todos os que foram essenciais nesse processo de formação e que marca esse momento ímpar e significativo da minha vida.

Somos indivíduos
soltos
como areia seca.
Pessoas são pessoas
Para cada calcanhar, um Aquiles.

(André Tecedeiro)

RESUMO

Esta pesquisa teve o propósito de realizar um estudo sobre o romance da literatura de língua portuguesa contemporânea *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2019) de Djaimilia Pereira de Almeida. Neste sentido, o objetivo central é analisar a construção anticolonial do personagem Aquiles. De modo específico, focamos em: problematizar o colonialismo presente nas vivências do personagem Aquiles; investigar como a construção política do personagem Aquiles contribui para o papel representativo de negritude na narrativa; e identificar, a partir da visão anticolonial, como as ações do personagem dentro da constituição da narrativa são favoráveis para a esfera da política. Desse modo, o estudo pautou-se no princípio em que o personagem sobrevive em meio às feridas coloniais. Quanto à metodologia, configura-se como qualitativa interpretativa, fundamentou-se no processo analítico, tendo como principal corrente teórica os estudos anticoloniais. Para a realização deste estudo, partiu-se das teorias de Aimé Césaire (1978; 2012), Achille Mbembe (2014; 2018), que centra-se nas discussões sobre o processo histórico do colonialismo e a perspectiva social e histórica da África, Franz Fanon (2012; 2008), que estuda a perspectiva pós-colonial e a ontologia do sujeito negro, retomando questões raciais, Grada Kilomba (2019) que discute sobre a linguagem e as formas de racismo, Luiz Mauricio Azevedo (2021) e Toni Morrison (2019) que aprofundam o olhar sobre as esferas da estética, raça e história e Terry Eagleton (2017), que discute sobre a função do personagem na literatura. Destarte, tais teorias embasaram o estudo sobre a perspectiva anticolonial da categoria literária analisada. Por conseguinte, constatou-se que a construção de Aquiles na narrativa, alicerça suas próprias aberturas para pensar o caráter racial e suas complexidades, isso torna evidente o seu esforço enquanto figura literária. Pois expôs fatores que denunciam a realidade sobre o racismo e isso possibilita olhar a grandiosidade das suas ações em meio às feridas coloniais que o rodeava. Dessa forma, Aquiles se reconstrói no romance, demonstrando que a sua voz, enquanto metáfora viva pode ser mais valorizada na esfera política e como elemento literário.

PALAVRAS-CHAVE: Aquiles; Personagem; Anticolonialidade; *Luanda, Lisboa, Paraíso*; Literatura contemporânea de língua portuguesa.

ABSTRACT

This search aimed to carry out a study on the novel of contemporary Portuguese language literature called *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2019) by Djaimilia Pereira de Almeida. Therefore, the main objective here is to analyze the anti-colonialist construction of the character Achilles. We, specifically, focused on problematize the colonialism present in the experiences of the character Achilles; investigate how the political construction of the character contributes to the representative role of blackness in this narrative; and also identify, from the anti-colonialist view, the character's actions within the constitution of the narrative are favorable to the political sphere. So, this study was based on the principle that the main character survives in the midst of colonial wounds. The methodology approach is configured as qualitative interpretative, based on the analytical process, and its main theoretical framework is anti-colonialist studies. In order to this study, we get started from the theories of Aimé Césaire (1978; 2012), Achille Mbembe (2014; 2018), who focus on discussions of the historical process of colonialism and the social and historical perspective of Africa. Franz Fanon (2012; 2008) who brings studies about post-colonial perspective and the ontology of the black person, taking up racial issues, Grada Kilomba (2019) who discusses language and forms of racism, Luiz Mauricio Azevedo (2021) and Toni Morrison (2019), who deepen the view into the aesthetics spheres, race, and history, at last Terry Eagleton (2017), who discusses the function of character in literature. Thus, all these theories on the anticolonial perspective of the analyzed literary category supported this study. As a result, it was found that the construction of Achilles character in the narrative, grounds its own openings to think about the racial character and its complexities, this makes evident his effort as a literary figure, due to exposed factors that denounce the reality about racism, and this makes it possible to perceive the greatness of his actions amidst the colonial wounds that surrounded him. In this sense, Achilles reconstructs himself in the novel, demonstrating that his voice as a living metaphor can be more valued in the political sphere and as a literary element.

KEYWORDS: Achilles; Character; Anti-Colonialism; *Luanda, Lisboa, Paraíso*; Contemporary Portuguese-language literature.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
2 COLONIALISMO E RACISMO EM <i>LUANDA, LISBOA, PARAÍSO</i> : UM ESTUDO SOBRE O PROTAGONISTA AQUILES	17
2.1 O colonialismo na história: alguns efeitos e sua circulação no mundo	17
2.2 “Literatura é personagem”: uma abordagem sobre o protagonista no romance <i>Luanda, Lisboa, Paraíso</i>	21
2.3 A perspectiva anticolonial: um olhar sobre a construção racial	29
3 A CONSTRUÇÃO ANTICOLONIAL DE AQUILES EM <i>LUANDA, LISBOA, PARAÍSO</i>	33
3.1 As marcas da representatividade racial e intertextualidade no Aquiles de Djaimilia Pereira de Almeida.....	33
3.2 As cicatrizes de Aquiles: a construção dos princípios raciais enquanto expressividade histórica na narrativa.....	38
3.3 A visibilidade da luta anticolonial em Aquiles.....	44
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	55

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O colonialismo foi um processo histórico que influenciou em diversos aspectos da existência no mundo tanto no sentido político quanto cultural de várias sociedades. As naturalizações do processo colonial ocorreram no modo organizacional em decorrência da hierarquia. Para isso, o objeto de estudo desta pesquisa foi a obra da literatura contemporânea de língua portuguesa *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2019), de Djaimilia Pereira de Almeida. Focando no personagem Aquiles, na sua condição de imigrante, percebemos a construção política que perpassa desde a colonização, em específico a do contexto africano, e nessa perspectiva, da relação entre África e Portugal que a narrativa se desenvolve.

Neste sentido, *Luanda, Lisboa, Paraíso*, obra vencedora do Prêmio Fundação Inês de Castro, publicada no ano de 2019 pela escritora angolana Djaimilia Pereira de Almeida, que nasceu em Luanda no ano 1982, construiu sua vida pessoal e profissional em Portugal, tornando-se um grande nome da literatura contemporânea lusófona. Quanto a sua escrita, também publicou outras obras, as quais se destacam: *Esse Cabelo* (2015), que aborda o racismo e manifestações históricas africanas e *A Visão das Plantas* (2021), que retrata o protagonista capitão Celestino, também dialoga com o passado de Portugal e África. Dessa forma, tais obras abordam as principais características da sua escrita poética, como também expõem temas de grande relevância aos estudos literários e às pesquisas científicas.

A narrativa *Luanda, Lisboa, Paraíso* é construída a partir da família de angolanos composta por: Aquiles, Cartola, Glória e Justina, no entanto, separam-se em virtude da deficiência do calcanhar de Aquiles, com isso, Cartola e Aquiles (pai e filho) vão em busca da cirurgia para a má-formação do calcanhar e decidem morar em Portugal, na cidade de Lisboa, especificamente na comunidade Paraíso. Neste lugar que a narrativa é desenvolvida, os protagonistas sofrem preconceitos raciais, enfrentam várias dificuldades, mas, além disso, criam laços afetivos com o personagem Pepe, que também vem de outro país. Portanto, é nesse contexto que os personagens formam as principais ações que movimentam o romance.

A trajetória de Aquiles no romance difere-se do arquétipo de valores nobres da mitologia grega, pois é marcada a partir de aspectos históricos contextuais e com isso é construído sua representação, ao chegar a Lisboa (Portugal) confirma ainda mais a presença do colonialismo enraizado, que parte de alguns pontos que é

vivenciado seja na adequação de uma outra cultura, ao aprender uma outra língua, a evidência de um forte preconceito racial. Além disso, como parte desses pontos relacionados ao personagem, tornou-se possível enfatizar a perspectiva anticolonial que o personagem Aquiles representa e consegue estabelecer aberturas diante de muitas dificuldades, cultivando a força de querer viver.

Salientamos ainda a presença de heranças coloniais, pois as ações e vivências do personagem centram-se no que se refere aos aspectos históricos e políticos. Assim sendo, ressaltam-se os estudos anticoloniais que contemplam um viés que aprofunda o debate sobre os efeitos do colonialismo no processo de formação das sociedades e, conseqüentemente, dialoga como as conseqüências do processo histórico e têm visibilidade no momento atual. O anticolonialismo surge a partir de sujeitos que são inseridos nesses contextos e vivenciaram as condições de passarem por inúmeras situações de violência e desqualificação social e existencial.

Além disso, torna-se necessário enfatizar que o olhar anticolonial trata-se de uma concepção com a finalidade de possibilitar reflexões sobre o processo que remete ao tratamento das lutas históricas. Por isso a socióloga e ativista boliviana Silvia Cusicanqui, reforça que: “O Decolonial é uma *moda*. O pós colonial é um *desejo*. O anticolonial é uma *luta, cotidiana e permanente*.” (*Grifo nosso*). Ao considerar esse pensamento, compreende-se a forma que o termo “anticolonial” assegura à luta que envolve manifestações que circulam nas sociedades que foram afetadas pelo colonialismo como um fio que está em constante busca e expansão.

Diante dessa abordagem, foi necessário levantarmos as seguintes questões de pesquisa: Como se dá a construção anticolonial do personagem Aquiles na narrativa? Quais os efeitos do colonialismo nas vivências de Aquiles? Desse modo, as questões contemplaram as principais indagações do personagem abordado, contribuindo para a compreensão do diálogo que vem desde fatores históricos. Neste sentido, podem-se causar impactos políticos que promovam ao personagem ter uma visibilidade instaurada a partir do viés anticolonial. Ressaltamos que esses estudos expõem os debates que favorecem ao entendimento do processo de naturalização que foi instituído socialmente, tendo em vista que o romance é constituído de personagens que expõem as marcas do colonialismo.

Em relação aos objetivos, esta pesquisa teve como principal objetivo analisar a construção anticolonial do personagem Aquiles no romance *Luanda, Lisboa, Paraíso*, de Djaimilia Pereira de Almeida. Para isso, tratou-se em específico a)

problematizar o colonialismo presente nas vivências do personagem Aquiles; b) investigar como a construção política do personagem Aquiles contribui para o papel representativo de negritude na narrativa; c) identificar, a partir da visão anticolonial, como as ações do personagem dentro da constituição da narrativa são favoráveis para a esfera da política. Dessa forma, esses objetivos específicos foram fundamentais para os resultados alcançados.

Com base na análise do personagem Aquiles, partimos da compreensão que é instaurada na narrativa. Para isso, consideram-se as seguintes hipóteses: que a partir das ações realizadas por Aquiles em Lisboa (Portugal), sobretudo no contexto marcado pelo colonialismo, evidencia-se a visibilidade representativa da luta anticolonial na narrativa. No entanto, consideramos também a subalternização, advinda da herança colonial apresentada em Aquiles, a partir dos princípios históricos e sociais que resultam em estratégias que são favoráveis na construção de práticas anticoloniais, expressadas em forma de potência, tendo em vista os encadeamentos em sua trajetória de vida no romance. Dessa forma, a pesquisa pretenderá confirmar a hipótese que mais aproxima ao seu resultado.

Em estudos realizados na presente obra, destacamos alguns artigos como *Esse cabelo em Luanda, Lisboa, Paraíso: Djaimilia Pereira de Almeida e a experiência do desenraizamento na tentativa de integração* de Lima (2020), que analisou os personagens com olhares mais geral e *Aquiles, o Contemporâneo calcanhar de Luanda, Lisboa, Paraíso: diante do desabrigo, o desamparo de uma casa que se perdeu* de Chagas (2021), que fez um estudo sobre Aquiles e Cartola e a noção de “lar”. No entanto, nosso trabalho pretende aprofundar uma análise mais concentrada no protagonista Aquiles, partindo de princípios que norteiam sua formação enquanto representação complexa do sujeito negro, bem como o olhar sobre as táticas que partem dele e encadeamentos com os outros personagens. Assim, o nosso foco foi na perspectiva anticolonial de maneira mais específica, de modo a refletir sobre a construção do protagonista.

A pesquisa apresentou uma possibilidade de contribuir com os estudos literários em específico sobre a literatura contemporânea de língua portuguesa, bem como os diálogos históricos entre política e sociedade. Nesse sentido, considerando fatores históricos e valores hierarquizados socialmente. Além disso, o *corpus* analisado exprime as principais implicações que giram em torno do processo colonial entre África e Portugal e, conseqüentemente, possibilita centrar-se sobre as

práticas anticoloniais vivenciadas pelo personagem Aquiles que constituem a narrativa.

Em virtude da participação no Programa Institucional de Iniciação Científica – PIBIC/UERN, *“Entre prazeres ínfimos e pequenos nada”*: um estudo sobre comunidade e política de vida na prosa contemporânea de língua portuguesa, orientado pela professora Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo, tornou-se o principal elemento que possibilitou a definição do objeto de estudo, a partir da obra literária *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2019), de Djaimilia Pereira de Almeida. Ressaltamos que, com base nesse texto literário, optou o interesse pela temática sobre perspectiva anticolonial a partir do personagem Aquiles, contemplando a relevância para os estudos que envolvem o meio acadêmico, literário e social. Para isso, partimos de pressupostos sobre as relações de contexto histórico e sociedade que favorecem o avanço da pesquisa tornando-a relevante para outros estudos.

Percebeu-se ainda que, diante da influência dos estudos anticoloniais, principalmente para o momento atual da literatura contemporânea de língua portuguesa e as principais contribuições que tecem para enriquecer a pesquisa científica. Dessa forma, a abordagem de tais perspectivas questiona a realidade em específico, no que se refere ao âmbito da política e história. A partir disso, ao observamos o personagem Aquiles, estando inserido em um cenário ainda marcado por resquícios coloniais, mas a partir dessas condições surgiram as formas de compreender sua construção que dialoga com o anticolonialismo.

Para compreensão dos aspectos que foram analisados, objetivou-se elucidar as consequências e os principais fatores que estão aliados na construção que é perpassada na narrativa sobre o personagem Aquiles. Tendo em vista que este personagem é um angolano e negro vivendo efeitos do pensamento colonial instituídos nas sociedades. A partir da existência das feridas coloniais, a narrativa retoma tal problemática em torno do debate sobre colonialismo na sociedade. Assim sendo, observou-se nas manifestações históricas que norteiam a contribuição do presente estudo.

Nessa perspectiva, a pesquisa configura-se como qualitativa e insere-se no âmbito dos estudos literários, como também enfatizamos teorias que reforçam a concepção sobre os princípios da análise literária. O principal foco da análise do personagem estudado no romance. Ademais, esta pesquisa obedeceu à ordem: a) leitura e aprofundamento analítico do personagem selecionado na narrativa; b)

leitura e interpretação do material teórico; c) compreensão do texto literário (*corpus*); d) elaboração da escrita dos capítulos.

Quanto à análise da categoria personagem, a obra *Como Ler Literatura* (2017), de Terry Eagleton, aborda que o personagem na literatura tem como principal função o jogo que envolve a linguagem, ficção e imaginação, além disso: “Os personagens podem conferir algum colorido à ação, mas o que mais importa é o que acontece.” (EAGLETON, 2017, p. 43). Tendo em vista que as ações que circulam nesse tipo de categoria expõem um caráter circunstancial, considerando as particularidades que ordenam as especificidades que concretizam suas práticas em conformidade com estratégias que são ofertadas diante de um cenário plural na literatura.

Por essa razão, partimos da importância da linguagem para o âmbito do trabalho com o texto literário confirma o método em questão, por isso: “[...] a análise literária é uma leitura de expressões, e não um recorte de segmentos materiais, ela não pode separar do trabalho da interpretação.” (BOSI, 1988, p. 281). Dessa forma, os procedimentos metodológicos com o texto literário ocorrem em ação conjunta articulando-se à teoria, análise e os posicionamentos interpretativos, pois consideramos que o trabalho analítico demanda um processo de articulação com outros mecanismos na efetivação do trabalho com a linguagem.

A análise, portanto, abordou recortes que evidenciam como a perspectiva anticolonial destaca-se na construção do personagem Aquiles na narrativa. Para este estudo enfatizamos as teorias de Aimé Césaire (1978; 2012), Achille Mbembe (2014; 2018), que centram-se sobre o processo histórico do colonialismo, Franz Fanon (2012; 2008), que estuda a perspectiva pós-colonial e a ontologia do sujeito negro, Grada Kilomba (2019) que discute sobre as formas de racismo na linguagem, Luiz Mauricio Azevedo (2021) e Toni Morrison (2019), que aprofundam o olhar sobre as esferas da raça, história e literatura e Terry Eagleton (2017), que discute sobre a função do personagem na literatura. Sendo assim, tais teorias embasaram o estudo sobre a perspectiva anticolonial na literatura de língua portuguesa contemporânea.

A presente pesquisa foi dividida em dois capítulos teóricos-analíticos: o Capítulo I intitulado *Colonialismo e racismo em Luanda, Lisboa, Paraíso: um estudo sobre o protagonista Aquiles* trata de maneira geral fazendo um levantamento histórico sobre o colonialismo no contexto africano, também aborda sobre a definição de literatura e sua relação com a categoria personagem, expondo os

principais elementos dessa relação. Por fim, trata sobre a perspectiva anticolonial discutindo com o texto literário, especificamente ao personagem analisado sobre construção do protagonista do romance.

O capítulo analítico II *A construção anticolonial de Aquiles em Luanda, Lisboa, Paraíso* tratou de modo mais concentrado a análise literária do objeto de estudo, contemplando os principais aspectos que consistem na pesquisa de maneira mais aprofundada. Assim, pontuamos os princípios raciais, as marcas, a visibilidade da luta anticolonial no personagem entre outras particularidades que fomentam a análise de Aquiles. Destarte, de maneira mais minuciosa, o capítulo obedeceu a uma ordem mais investigativa sobre o processo histórico e luta anticolonial do personagem. Dessa maneira, o estudo foi finalizado com as considerações finais.

2 COLONIALISMO E RACISMO EM *LUANDA, LISBOA, PARAÍSO*: UM ESTUDO SOBRE O PROTAGONISTA AQUILES

Neste capítulo são tratadas concepções que correspondem aos movimentos históricos sobre raça, expondo a visão dos teóricos que aprofundam o olhar sobre os estudos do colonialismo e o surgimento da anticolonialidade. São esses levantamentos que asseguram o estudo sobre o personagem Aquiles e os diálogos com a literatura contemporânea de língua portuguesa, possibilitando uma avaliação dos procedimentos históricos que estruturam e favorecem a política racial, mantendo conexões com o texto literário, como forma de contextualização na realização deste estudo.

Por conseguinte, apresentamos os principais vestígios sobre as noções que fundamentam a construção da personagem, considerando as expressividades que possibilitam refletir o seu percurso no romance. Ademais, os aspectos históricos da construção social como forma de ressaltar a caracterização crítica e aprofundada, para tecer um olhar que proporcione a manifestação ontológica de Aquiles na narrativa. Com isso, o protagonista permite compreender e ampliar as marcas de sua construção, fazendo um resgate sobre sua singularidade na esfera da política e história entre Angola e Portugal.

2.1 O colonialismo na história: alguns efeitos e sua circulação no mundo

A história de várias sociedades foi demarcada pelo processo do colonialismo que compactuou para o enaltecimento e universalidade da cultura branca, promovendo a discriminação, principalmente, dos povos negros, indígenas e asiáticos. Neste sentido, o colonialismo é centrado em fatores que repercutem socialmente na atualidade, contemplando modos de articulação na vida dos sujeitos. A propagação do colonialismo e o debate sobre os seus efeitos servem para a desconstrução e reconstrução de outras perspectivas a serem desenvolvidas sobre a sociedade e o âmbito literário passa a discutir essas abordagens.

As narrativas literárias trarão tais questões, por exemplo, no romance *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2019) de Djaimilia Pereira de Almeida, embora o contexto não seja do período colonial, aborda alguns efeitos que estão presentes na trajetória dos personagens, possibilitando por meio desse resgate histórico refletir sobre a sua existência no mundo. Para isso, é necessário entendermos fatores percussores

sobre tal período. A obra *Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada* (2014), Mbembe discute a complexidade sobre os princípios do colonialismo:

Por sua vez, a colonização não passou de uma tecnologia ou de um simples dispositivo, não passou de ambiguidades. Foi também um complexo, uma trama de certezas, umas mais ilusórias do que outras: a força do falso. Foi certamente um complexo nómada, assumindo também, em muitos aspectos, um carácter fixo e imóvel. Habituada a vencer sem ter razão, exigiu aos colonizados que mudassem as suas razões de viver e, como se não bastasse, que mudassem também de razão - seres em mutação perpétua. (MBEMBE, 2014, p. 19).

A partir disso, são abordadas as forças que sofreram consequências da colonização, partiram de esquemas que não permitiam uma escolha e que geravam aos colonizados a optarem pelo que lhe era ofertado, por essa razão a complexidade desse processo histórico que marcou em vários âmbitos as sociedades. Além dessa complexidade, outro aspecto que é levantado durante esse processo é de que, com base na representação, resultou-se a resistência dos que viviam relacionados sob a autoridade do colonizador. No entanto, não se limitavam à submissão, mas tendiam às táticas de desobediência.

Césaire, poeta e também criador da vertente literária da negritude em *Cultura e Colonização* (2012), enfatiza que a falta do querer viver vem sempre associado às sociedades coloniais. Isso é resultado das consequências colonialistas, pois expressam e reforçam estereótipos sobre os negros, os indígenas e os que foram interferidos pelo colonizador. São consequências como essas que resultam em muitos problemas sociais, tendo em vista que abrange várias esferas. Dessa maneira, as práticas nas vivências que condizem com a realidade atual foram internalizadas, é nesse ponto do internalizar que surgem provocações que vão interferir sobre o âmbito político e histórico, isso refletiu em Aquiles na narrativa.

Com base no levantamento histórico da colonização, vale ressaltar que o movimento da descolonização vem abordar marcas e reivindicações históricas. “A descolonização representa, na história da nossa modernidade, um grande momento de separação e bifurcação das linguagens.” (MBEMBE, 2014, p. 20). Assim, correspondem às modificações que afetam e possibilitam refletir a história tanto no âmbito da linguagem quanto a partir das relações de mundos distintos em que os antigos colonizados criariam o seu próprio tempo, construindo em sua própria história.

Podemos ressaltar vários pontos estabelecidos nesse movimento, em que as sociedades optavam por se afastarem do movimento colonial, embora sabemos que tal movimento ainda se faz presente no momento atual, de maneira silenciosa ou não, na perspectiva cultural, entre outros aspectos que expõem os efeitos do colonialismo enraizado na conjuntura social. Com isso, destacamos o movimento de vida dos indivíduos que partiram desde o colonialismo e a descolonização, em específico, no contexto africano, quando são apontados questionamentos que são fundamentais para a compreensão de tais perspectivas. O contexto africano parte de pressupostos para problematizar a democracia e considerar as lutas dos povos:

Para que a democracia se enraíze em África, deve ser apoiada por forças sociais e culturais organizadas; instituições e redes resultantes da genialidade, da criatividade e, sobretudo, das lutas diárias das próprias pessoas e das suas próprias tradições de solidariedade. (MBEMBE, 2014, p. 25)

Nesse sentido, Mbembe (2014) refere-se à África, enfatiza também que é necessário defender que o país seja tratado como metáfora viva, isso vai envolver vários aspectos que colaboram nos estudos para uma democracia no contexto africano, agrupando muitos pontos que constituem a história. Por essa razão, retoma muitas manifestações que advêm do momento colonial e de lutas dos povos que foram influenciados pelo colonialismo, abordando a continuidade na história africana e os princípios que norteiam a aplicação das manifestações culturais dos povos.

Todos esses movimentos foram necessários para o desenvolvimento na luta anticolonial. Segundo Mbembe (2014), destacamos que, após o término da Segunda Guerra Mundial, consolidou-se o surgimento do movimento anticolonialista em Douala, a principal cidade do país de Camarões. Nesse sentido, a independência era constituída de uma das principais reivindicações políticas. De acordo com a ideia de liberdade, de “auto-constituição e auto-governança” isso reflete na trajetória de Aquiles, inclusive longe da mãe, da terra natal, se separando da figura do pai e se tornando indivíduo, as relações e vivência em Portugal combate (para referir o Aquiles antigo) sutilmente o lugar que ele nasceu para ocupar, de menino angolano e deficiente por exemplo.

O processo histórico que constitui as lutas anticoloniais parte de como essas lutas são antecidas e acompanhadas pela reflexão dos colonizados sobre si mesmos, sobre as contradições resultantes do seu estatuto dualista entre nativos e

sujeitos no Império. Assim, pontuamos a análise minuciosa das forças que permitem resistir à supremacia colonial, tendo em vista que tais manifestações são consideradas para a elaboração dos fatores que envolvem a raça entre outros pressupostos que formaram nas camadas sociais.

Desse modo, ao tratar sobre o processo colonial, enfatiza-se um levantamento histórico que parte do princípio que a ação colonizadora, subordina muitas formas de construir a sociedade, esses efeitos são bastante notados no momento atual, ao romper determinados pensamentos advindos como heranças do colonialismo, são causados estranhamentos entre os comportamentos sociais. A partir do pensamento que reflete sobre o colonialismo “[...] o colonizado quer avançar e é o colonizador que o retém” (CÉSAIRE, 1978, p. 29). Assim são elencados estudos que constituem saberes que surgem para buscar a compreensão de determinadas manifestações que perpassam a história sobre os povos que vivenciaram sob esse sistema.

Diante de toda essa contextualização histórica sobre o colonialismo, ao relacionarmos com a obra, *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2019), pontuaremos as principais marcas que estão atreladas na construção do personagem Aquiles, entenderemos como essas demarcações sinalizam formas de pensar o olhar anticolonial desenvolvido a partir do personagem, agregando a valorização de sua construção ao longo da obra. Assim, o protagonista inicia sua representação histórica como forma de resgatar e encontrar o sentido de vida em sua trajetória na ficção.

A princípio, é possível afirmar uma forte influência colonial presente na trama, quando Aquiles e o pai passam a morar em Portugal “[...] eram aos olhos deles três pobres-diabos sem destino, uma família de chimpanzés vestidos de gente.” (ALMEIDA, 2019, p. 122). Esse trecho torna perceptível o tratamento preconceituoso racial sob as marcas coloniais nos personagens angolanos. Assim é consolidada a chegada dos imigrantes de Angola, bastante vinculada ao domínio dos efeitos coloniais, tratamento se fazendo presente no contexto atual, após a independência de Angola.

Angola que também viveu o processo da colonização, configurada como uma nação independente e que também tem muito a problematizar o colonialismo na sua história, por isso a obra traz essas particularidades para a compreensão e o debate político e histórico, principalmente através dos personagens que movimentam a

narrativa. Consistindo em uma perspectiva sobre o personagem Aquiles que aproxima os dois países e contempla os resquícios e os recomeços que asseguram sobre a manifestação do ponto de vista histórico e social.

Em meio a essa abordagem histórica, no tópico a seguir, faz-se necessário apresentar a concepção sobre a literatura contemporânea de língua portuguesa, especificando o protagonista da obra que vem sendo mencionado. Dessa maneira, observando os caminhos e as reflexões que podemos pontuar a partir da categoria e o romance estudado. Nesse sentido, são considerados aspectos que discutem os princípios que regem a literatura e a forma que engloba o texto literário em consonância com a categoria analisada.

2.2“Literatura é personagem”: uma abordagem sobre o protagonista no romance *Luanda, Lisboa, Paraíso*

A literatura de língua portuguesa contemporânea apresenta-se com vários escritores, em específico, como mencionado anteriormente, tratamos sobre o romance *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2019), de Djaimilia Pereira de Almeida, vencedor do Prêmio da Fundação Inês de Castro, que aborda fatores que promovem o debate para as áreas do conhecimento sobre história e política. Com isso, como se destaca uma representação histórica, podemos observar as relações de história e hierarquia nas condições de vida dos personagens. A autora contempla personagens que traçam vivências e estabelecem movimentos dramáticos, a partir do desamparo surgem práticas encantadoras e expressam uma significativa contribuição para a literatura lusófona contemporânea.

Para a compreensão do estudo literário, faz-se necessário entendermos sobre o diálogo de personagem e literatura, como forma de estabelecer tal relação, pois: “Já no campo da literatura, o indivíduo se mantém intacto. Literatura é personagem.” (AZEVEDO, 2021, p. 97). Desse modo, é possível evidenciar sobre os princípios que formam o texto literário aliado ao personagem, abordando a ficção pela ficção. A demonstração artística desenvolvida que esses dois elementos constituídos possibilitam tratar sobre as suas importâncias na articulação e existência das narrativas.

Na perspectiva da literatura de língua portuguesa contemporânea, é importante retomar a Revolução dos Cravos e os efeitos que circulam em relação à produção literária de Portugal, pois: “A abordagem da produção literária portuguesa

destes últimos 30 anos não pode prescindir de sondar o modo como esse acontecimento histórico influenciou a atividade escritural dos autores lusitanos.” (ROANI, 2004, p. 16). Em vista disso, verificamos que essa manifestação histórica teve influência tanto no âmbito da história do país como na literatura. No caso de Djaimilia, escritora angolana radicada em Portugal, inserida em uma literatura que advém das marcas das guerras coloniais e por libertação entre Angola, proporciona novas perspectivas nas atividades literárias dos últimos anos.

Além disso, salientamos ainda que “[...] no caso da ficção portuguesa contemporânea, pois pode ser demonstrada uma estreita vinculação das alterações sociais com a renovação do próprio percurso artístico dos escritores portugueses anteriores e subsequentes a 1974.” (ROANI, 2004, p. 16). Diante disso, a literatura lusófona contemporânea vem demonstrar e possibilitar refletir as principais modificações vinculadas ao processo de transição na história, considerando os fatos dos autores que vivenciaram o período e os que estão no outro momento da história, por isso a modificação da literatura envolveu o contexto histórico do país. Destacamos Djaimilia, uma escritora que transpõe novas possibilidades nas recriações do texto literário e contribuindo na nova geração de autores de LP.

Como características principais sobre as narrativas de LP, vale salientar que: “[...] as narrativas portuguesas são combativas, pois revelam, de modo similar à ficção latino-americana, uma forte consciência dos problemas sociais, políticos e identitários de Portugal, enquanto processo histórico.” (ROANI, 2004, p. 27). Ao considerarmos essa visão, conseguimos identificar tal característica presente no romance *Luanda, Lisboa, Paraíso*, pois ainda aborda problemas nos personagens relacionados à complexa história entre Angola e Portugal.

Por isso consideramos, segundo Roani (2004), que as tendências mais expressivas da nova ficção romanesca portuguesa podem ser identificadas com base no conjunto de obras. Possuidores de universos ficcionais construídos mediante a forte guerra colonial mantida por Portugal, na África, entre os anos de 1961 até 1975. Nesse sentido, finalizando com os povos africanos que conquistam suas independências nacionais após três séculos de lutas e embates relacionadas à ocupação e à exploração portuguesa. Assim, destacamos como papel da literatura uma arte que entrelaça os movimentos de uma nação, possibilitando (re)construções.

Diante dessa concepção, acredita-se ainda que: “A literatura opera dentro da história e ajuda ela mesma a construir o fato histórico, transformando-a constantemente.” (AZEVEDO, 2021, p. 83). Quando se trata do fazer literário, no processo de sua construção e realização, é promovido um levantamento que entrelaça a história. Para isso, os procedimentos que pretendem inserir na cronologia dos acontecimentos são conferidos ao valor que é estabelecido ao longo do amadurecimento e transformação advinda das produções.

Partindo disso, a relação entre Portugal e África confere também perceber o modo como a sequência de acontecimentos no processo histórico trouxe consequências em torno das duas nações, por isso: “A crua representação dos acontecimentos relativos ao envolvimento de Portugal com as guerras pela descolonização africana confere a tais narrativas traços de vigoroso imediatismo [...]” (ROANI, 2004, p. 25). Com isso, segue a problematização concebendo entre as duas nações sobre o eixo da construção histórica dos países.

Vale ressaltar também que, por este estudo ser literário, Luiz Maurício Azevedo em *Estética e Raça* (2021) afirma que: “Durante muito tempo o estudo da literatura girou em torno da compreensão aristotélica de que literatura seria aquilo que pode, deve ou parece ser.” (AZEVEDO, 2021, p. 11). Nesse sentido, é possível questionar sobre a competência que se refere à arte literária em ação conjunta com a realidade podem ser favoráveis para entendermos princípios que circulam nos meios sociais a partir de vários fatores que constituem a base dos saberes e assim se tornando uma arte que proporciona refletir a ficção e verdade.

Por se tratar de literatura, compreendemos que é importante frisar: “[...] o conceito de literatura depende obrigatoriamente de uma tautologia que me joga para evidência de que o literário é aquilo que constitui literariedade.” (AZEVEDO, 2021, p. 13). Tal concepção teórica sobre o texto literário promove a manifestação dos princípios literários e permite extrair nesse elo de ressignificações e construções inseridos no âmbito da literatura, evidenciando as possibilidades e competências pautados no eixo da arte literária.

No que se refere ao tratamento literário, faz-se necessário considerar que “[...] as maneiras como a literatura usa a cor da pele para revelar caráter ou impelir a narrativa, sobretudo se o personagem fictício principal for branco (o que quase sempre é o caso).” (MORRISON, 2019, p. 66). Dessa forma, são expostos apontamentos que circulam sobre a relação da cor nos personagens literários

revelam uma finalidade de implementar uma dualidade que intensifica os percalços sobre a carga de princípios que giram em torno da cor de pele, no entanto, o romance analisado desconstrói esse tipo de abordagem.

Ao relacionarmos tais noções da narrativa com um protagonista em que a cor de pele não é referida ao padrão do homem branco, pois era um imigrante de Angola passando a viver em Lisboa, apresentando traços de um sujeito negro, é nesse ponto racial do texto literário de Djaimilia expõe um “Aquiles tem a cor da noite [...]” (ALMEIDA, 2019, p. 145). Visto que este romance é inserido na contemporaneidade, o ato de criar um protagonista negro expõe a resistência na literatura. Com isso, se faz necessário refletir o tratamento racial, como forma de problematizar essa herança colonial. Ou seja, retrata o olhar sobre a existência e da representação de um problema que vem repercutido ao longo da história.

Luanda, Lisboa, Paraíso (2019), ao tratar o personagem Aquiles, vale enfatizar que o personagem literário, segundo Eagleton (2017), aborda os principais aspectos sobre a constituição das ações, assim, a existência da categoria deve-se às contribuições mais efetivas na narrativa. Aquiles, por mais que o contexto não seja o período colonial, mas a forma que é apresentado em Portugal: “Ele é um marinho em terra, um pescador sem história, o nativo perfumado, o operário coxo.” (ALMEIDA, 2019, p. 144). A descrição de “marinho” remete ao ocidente, europeus ultramar, também na antiguidade dos gregos (Aquiles na Guerra de Troia), romanos. Os outros elementos exprimem a construção do ser, a partir dos aspectos sobre a raça e imigração resultam as interferências que possibilitam aberturas anticoloniais.

A narrativa também situa o protagonista durante sua aparição na narrativa em Angola, pois “Os primeiros cinco anos de vida da criança apanharam a família no cruzamento entre a crescente paralisia da mãe Glória e a iminência da Independência.” (ALMEIDA, 2019, p. 12). Esse trecho menciona Aquiles na sua infância na independência do país de origem, isso possibilita centrar-se entre o personagem e o contexto histórico apresentado durante a trajetória de vida no romance como forma de compreender a sua formação relacionada no meio em que nasceu e viveu.

Ao analisarmos a condição de Aquiles, ele possuía uma deficiência e, em virtude disso, teve que ir morar em outro país, ele e Cartola está em minoria em Paraíso, deixa os seus e a pertença em Angola com outros costumes isso gerava

um estranhamento, mas também pertencimento pela vontade de futuro e melhoria de vida por isso: “[...] Aquiles tenha deixado de se sentir angolano.” (ALMEIDA, 2019, p. 46-47). Diante dos aspectos sobre as relações em outro espaço geográfico e da própria luta diária para manter-se, aproximado ao movimento de vida que, de certa forma, o afetou durante a narrativa, mas diante dessa concepção, a comunidade Paraíso foi o lugar para compartilhar novas experiências e saberes que envolvem as dimensões política e social.

Ao partir da abordagem sobre personagem como uma categoria literária, reconhecemos que “uma figura literária totalmente original escaparia da rede da linguagem, deixando-nos sem nada a dizer. Um tipo, porém, não é necessariamente um estereótipo.” (EAGLETON, 2017, p. 42). Com base nisso, pontuamos sobre o caráter classificatório que, em meio à descrição de cada personagem, tenta-se deduzir em qual categoria mais o aproxima, também se ressalta sobre a originalidade na linguagem como um dos principais aspectos a serem considerados sobre os personagens, pois sem isso dificultaria sua compreensão.

Ainda com relação ao caráter descritivo de Aquiles, “Não era livre. Era doente. O calcanhar defeituoso era o seu passaporte. E tinha o olhar penhorado, olhos da mãe.” (ALMEIDA, 2019, p. 47). Identificamos que diante de tal condição, com vários fatores de enfraquecimento e limitações, é possível sentir desde suas fragilidades aos seus aspectos mais específicos enquanto construção literária. Por isso, a narrativa faz a referência ao “calcanhar defeituoso”, como também a dor e o sofrimento como possibilidade para ele entrar na Europa e a noção de liberdade também que permeia na potencialização dos elementos que permitem (re)conhecer o Aquiles do romance.

Ao considerar também as possibilidades de limitações, “Não tinha consciência da finitude nem pensava que corria o risco de morrer sem ter vivido.” (ALMEIDA, 2019, p. 63). Diante de tal abordagem, Aquiles muitas vezes, em meio às situações dramáticas que enfrentava em Portugal, até mesmo o que ele sofreu em Angola, tudo isso vai sendo formado, ampliando ainda mais as circunstâncias que envolvem esse corpo que é rodeado e condicionado pelos sofrimentos, seja devido aos aspectos históricos, cercando-o em vários momentos durante a narrativa.

Diante disso, Aquiles, por mais que estivesse vinculado a essa noção de vida e mortificação em sua trajetória, tinha um envolvimento com a história da independência de seu país. Assim, “Aquiles era a prova de que havia vida depois da

independência.” (ALMEIDA, 2019, p. 63). Podemos ressaltar a sua trajetória histórica como marco do seu território, conforme Mbembe (2014), é possível evidenciar Aquiles enquanto metáfora viva e também em função da vida que passou a levar após esse contexto do país, ainda vale destacar as condições de vida e efeitos dos acontecimentos históricos que se proporcionaram na vida após um contexto muito complexo.

Com isso, retomamos a noção de metáfora viva que, para Ricoeur (2000), a solidariedade entre metáfora e semelhança é estabelecida por um argumento que surge após Aristóteles, retrata a relação entre metáfora e comparação revertida. Assim, entende-se que a comparação não é considerada um tipo de metáfora, no entanto pode ser um tipo de comparação, portanto, acontece uma comparação abreviada, e também decorre da elisão do termo de comparação e distingue a metáfora da comparação. Por isso, entendemos que a metáfora é viva, pois embora se trata de uma semelhança, serve para a reescrever o movimento na narrativa, no caso do personagem no romance analisado, pois retoma posições históricas, dessa forma parte-se do processo que permite o poder da ficção e recriação.

No caso da experimentação e escrita, diante da problematização acerca da representação do acontecimento histórico no âmbito ficcional de inúmeros romances portugueses, propicia outros fatores muito recorrentes na ficção portuguesa na atualidade que, segundo Roani (2004), dar-se através da valorização, da fabulação narrativa e também da metaficcionalidade. Considera também a intertextualidade, no exemplo de Aquiles, do romance estudado, origina-se desse caráter textual, pois retoma o herói da *Ilíada*. Por isso, diálogo que existe entre o literário com outras áreas do conhecimento são referentes para fundamentar a compreensão dos textos literários contemporâneos.

A partir desse raciocínio de Roani (2004), a literatura portuguesa contemporânea é consagrada como um gerador de possibilidades acompanhadas de manifestações sejam literárias, apresentando diferentes nuances e tendências artísticas. Assim podendo configurar como uma forma extensa, que necessita de diferentes intersecções, pontos, linhas e olhares de todos os âmbitos sociais, que conferem a noção e promovem do objeto literário enquanto expressividade nas áreas sociais e conhecimento dos seus agregados e da sua constituição. Assim, pode refletir no processo de criação seja dos personagens entre outros.

Quando se trata de personagem, diante dos cenários e das características, é importante ressaltar que, “tipificar os indivíduos é colocá-los dentro de certas categorias, em vez de percebê-los como únicos e originais. Mas faz pleno sentido falar de um tipo singular, mesmo porque há muitos por aí.” (EAGLETON, 2017, p. 40). Em razão disso, ao abordar uma determinada figura literária, seja protagonista ou secundária, vai envolver um processo detalhado como forma de aproximar a sua originalidade não apenas associando a algum padrão, isso demanda um desenvolvimento em torno da singularidade dessa categoria.

Diante de um cenário em que os traços melancólicos se fazem presentes, Aquiles sentia que “nada alimentava a esperança de que a vida lhe traria a ocasião ideal para se abrir.” (ALMEIDA, 2019, p. 63). Considerando o caráter subjetivo do personagem, é possível identificar a complexidade da esfera do ser, esse “ser” associado ao ser negro, pobre, deficiente, isto é, tudo isso dando visibilidade e movimento a esse personagem e compactuando para a sua compreensão social e política enquanto elemento literário.

Podemos compreender o quanto as convicções dos personagens estão concentradas no viés de todas as circunstâncias sociais, no entanto, não impedem de pensar e construir outros vínculos sem perder suas memórias, pois havia de maneira significativa essa troca de cartas com a Glória, isso possibilita que em meio a toda tensão de pensares e culturas, resgatando suas sutilezas. A partir disso, Aquiles e o pai são diferentemente de outros negros que seriam um exercício imaginativo em torno do estereótipo do negro (escravo/ex-escravo), do lugar que ele ocupa, pois eles partem sem serem escravizados, como ocorreu na história, mas a escravização se manifesta em outros meios, quando chegam a Lisboa a princípio.

Diante dos aspectos mencionados que englobam a literatura e personagem, vale salientar que: “O grande útero da literatura tem que ser justamente o engajamento social.” (AZEVEDO, 2021, p. 77). Esse papel consiste na formação e expansão da literatura enquanto motivadora dos princípios sociais e a possibilidade de adaptação que permeia os estudos que consistem em sua estruturação, pois cada tempo possui sua especificidade de sua própria concepção de texto literário, e as implicações que vão ser consideradas a partir do nível de interpretação.

No que se refere à função específica de Aquiles, enquanto personagem literário, entendemos que ocorre segundo Morrison (2019) afirma sobre provocar a linguagem e uma imagem serve para determinar não apenas o que compreendemos

e sentimos, como também no que acreditamos que possui valia para saber sobre o que sentimos, isso é muito comum, principalmente na condição da figura literária personagem e a literatura interligando-se as duas concepções para aproximar o nível de função de ambos os elementos como peça fundamental no trabalho literário.

Deste modo, podemos afirmar como forma de problematizar a função da literatura enquanto ideologia não colorista, de acordo com Morrison (2019), esse processo demanda dois fatores que tanto podem ser libertadores e árduos, pois envolve toda uma desconstrução racial e social que acarreta muita discussão, como forma de possibilidade de neutralizar o racismo e expondo questões dos mais variados âmbitos da estrutura social. Ademais, quando são problematizadas questões desse tipo na literatura tende a valorizar e enaltecer o poder que a ficcionalidade tem em transcender as possibilidades da arte.

Destarte, retomando o protagonista do romance analisado, ressaltamos o percurso que desenvolveu desde Angola até Portugal, quando passa a residir na comunidade Paraíso, os espaços geográficos mostram as perspectivas de Aquiles, como o centro do desenvolvimento da narrativa. Sendo ele, Aquiles, o precursor da visibilidade social quando instaura as recriações e possibilidades de uma construção enquanto negro e desencadeando técnicas que nutrem as possibilidades do olhar anticolonial. Com isso, surge o principal elemento para a compreensão dessa figura no romance, tendo em vista o processo de construção do personagem.

O desenvolvimento de Aquiles na narrativa inicia quando ele e o pai começam a morar em Portugal, pois outras experiências, tanto relacionadas a ele quanto ao pai, surgem e isso, de certa forma, nutre a narrativa, criando novas vivências que favorecem o desenvolvimento do personagem que se apresenta questionando o modo como é construído e o peso da história sobre ele. Em virtude disso, pode-se observar as práticas do personagem em torno das condições em que vive, representando uma ex-colônia e tendo que recriar-se em um outro cenário.

Na subseção seguinte, enfatizamos sobre a perspectiva anticolonial, expondo elementos vinculados à narrativa, que dão suporte para debater sobre os processos de naturalização na sociedade referindo-se a construção racial e como isso reflete na literatura, em específico no romance estudado. Dessa forma, buscamos compreender os diálogos históricos e políticos que possibilitam verificar no personagem, a partir do âmbito racial que centra em aproximar as aberturas dessa figura literária ao longo da narrativa.

2.3 A perspectiva anticolonial: um olhar sobre a construção racial

A naturalização de determinados grupos sociais em uma hierarquia vem sendo um dos princípios mais abordados em torno do processo que abrange a formação das sociedades. Na Literatura notamos a influência para o debate social e político, manifestados a partir de pressupostos históricos que norteiam a discussão de aspectos que expõem o modo como as relações sociais são conduzidas sob uma imposição histórica. Nesse sentido, salienta-se o diálogo sobre alguns posicionamentos formulados a partir da história e o âmbito anticolonial.

Em *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2019), a construção do personagem Aquiles exprime o processo de naturalização sobre o tratamento racial: “Aquiles tem a cor da noite e não carrega aos ombros o fardo de ser quem é.” (ALMEIDA, 2019, p. 145). A partir do recorte, “não carregar o fardo de ser quem é”, é possível estabelecer um posicionamento que dialoga com a percepção anticolonial dos sujeitos, o ser/viver na sociedade e de possibilidade de ser “outro” como liberdade para Aquiles. Dessa forma, a configuração que é evidenciada no personagem expõe traços de que por mais que existam os efeitos do processo da colonização, a presença de estratégias de desconstrução caracteriza a abertura do olhar anticolonial sobre si.

Os estudos sobre a raça afirmam que “historicamente, a raça sempre foi uma forma mais ou menos codificada de divisão e organização das multiplicidades, fixando-as e distribuindo-as ao longo de uma hierarquia e repartindo-as dentro de espaços mais ou menos estanques - a lógica do curral.” (MBEMBE, 2018, p. 74). De acordo com o autor, é possível enfatizar uma ideologia da raça, isso se deve a separação dos grupos e, conseqüentemente, também em questões biológicas e, dessa maneira, foi expandindo o pensamento determinado por uma ideologia entre os grupos, bem como as relações econômicas.

Na obra *A origem dos outros* (2019), Toni Morrison enfatiza sobre o papel da negritude e as percepções que estão vinculadas à formação do conceito “outremização”, para isso, a autora afirma: “Descrições de diferenças culturais, raciais e físicas que denotam ‘Outremização’, mas permanecem imunes às categorias de valor ou *status* são difíceis de encontrar.” (MORISSON, 2019, p. 23). Com isso, compreende-se que a subordinação e a interferência de um tipo postura autoritária atinge esferas relacionadas tanto na organização da linguagem como na reprodução valorizada que circula em termos de construção social.

Nessa perspectiva, em relação à abordagem sobre o processo de “outremização”, salienta-se um aspecto a ser questionado que vai além do discurso: “[...] aprende-se a Outremização não por meio do discurso ou da instrução, mas pelo exemplo.” (MORISSON, 2019, p. 27). Compreende-se que a origem sobre a leitura formada que interfere no modo de agir e, conseqüentemente, na construção dos sujeitos em relação a raça, gênero e entre outras categorizações, combinam-se a um processo que evoca as situações de um padrão, desta forma, são apresentadas, internalizadas e vivenciadas nas relações sociais.

A condição do negro na perspectiva histórica é uma luta que demanda muitas desconstruções, sobre as maneiras do pensar e vivenciar socialmente, tanto para o sujeito que é negro bem como para os que convivem. Por essa razão, Mbembe (2018) aborda uma decorrência histórica a ser discutida:

O fato de ser escravo, de ser colonizado, de ser alvo de discriminações ou de toda a sorte de abusos, vexações, privações e humilhações em virtude da cor da pele não muda absolutamente nada nisso. Continuo a ser um ser humano, por mais intrínseca que seja a violência das tentativas que pretendem me fazer acreditar que não sou. (MBEMBE, 2018, p. 91-92)

A partir da abordagem citada acima, sobre escrever a história sob a organização racial quanto à forma que se instalou as ideias sobre a forma de inferioridade, enfatiza-se que o princípio racial e o sujeito detêm uma relação complexa. Ressalta-se a forte influência de questões econômicas que circulam na organização das sociedades desde o período colonial e a condição do negro vem atribuída nessas manifestações que restringem a forma de viver socialmente em múltiplas especificidades que abarcam tais condições que inserem ao contexto do sujeito negro, decorrente do âmbito social e econômico.

Com relação à formação do ser negro, quando é referida a compreensão do ser negro na sociedade, enfatiza-se que “a ontologia, quando se admitir de uma vez por todas que ela deixa de lado a existência, não nos permite compreender o ser do negro. Pois o negro não tem mais de ser negro, mas sê-lo diante do branco.” (FANON, 2008, p. 104). Assim sendo, o negro torna-se uma imagem criada a partir do outro, como um indivíduo que não tem uma autonomia em virtude da hierarquia constituída na base eurocêntrica.

Para Fanon (2008), o homem branco condiciona ao negro a não possuir resistência ontológica, isso se torna um ponto a elucidar sobre o caráter político e

ideológico que é internalizado em muitas sociedades, em específico, quando se trata de sujeitos que lutam e pertencem aos grupos que são marginalizados socialmente. Partindo disso, o personagem Aquiles estabelece a luta do ser negro, demonstrando que: “Ele pode tudo, quer tudo, consegue tudo.” (ALMEIDA, 2019, p. 144). Assim, atribuímos a relação do ser nas práticas que circulam na formação social neste tipo de ação do personagem expressam aberturas que excedem o princípio ideológico.

Mediante a configuração do negro na história, Kilomba (2019) contempla sobre a personificação de repressão a partir do branco em relação ao sujeito negro que é tido como “outro” o “eu” refere-se ao tratar do branco, é nessa medida que surge o papel da linguagem. São concepções dessa base que são fundamentais para um olhar que questione a representação criada sobre a imagem do sujeito negro na história, enfatiza-se também a estrutura política que abrange o diálogo do ser em prática social.

Ao abordar sobre a luta do inferiorizado, Fanon (2012) relaciona a demarcação que existe quanto à formação da luta pela liberdade, que vai ser manifestada por esses que permaneceram sob a desvalorização enquanto povo. Ademais, expõe que a luta acontece quando passa a ser compreendido sobre a libertação e que, conseqüentemente, vai existir um diálogo complexo em termos de inferiorizado e colonizado. Entre essa luta, existe um fator que é enraizado socialmente, o racismo, esse princípio racial vai interferir e impactar as construções históricas na sociedade, a luta do inferiorizado passa a ser muito profunda devido ao processo de naturalização que a anticolonialidade permite debater.

A visão anticolonial vem enfatizar a condição do negro atribuída à relação social. No entanto, sabe-se de uma idealização racial que é fortemente presente na construção do personagem inserido em diversas esferas de inferioridade e como o tratamento é configurado com base na forma que é instaurada as circunstâncias que vinculam ao sistema em que viveu (Angola) e no qual vive (Portugal). Consideramos o teor político, social e ideológico, que são as três bases que tendem a estabelecer a constituição ser/sujeito social. Dessa forma, essa perspectiva do sujeito negro interfere na hierarquia e promove a diálogo entre existência e resistência em Aquiles, a partir da sua construção contínua.

A partir das experiências do personagem Aquiles, que possibilitou verificar a valorização das aberturas para a perspectiva anticolonial que por mais que ele esteja sofrendo as marcas do colonialismo, mas como esse personagem em meio a

esse cenário complexo consegue ter vontade de viver e consegue viver mantendo todas as táticas que estão ao seu alcance para respaldar sua luta enquanto expressividade do seu valor na conjuntura que vivencia na medida em que consiste o seu olhar enquanto sujeito negro sobre si.

É nessa condição, portanto, que investigaremos no próximo capítulo analítico sobre sua construção costurada a outros aspectos sobre a mitologia, os princípios raciais como também associando a sua visibilidade da potência e a luta anticolonial no seu percurso. Pois na pesquisa, a princípio, identificaremos os principais valores da figura literária utilizados na construção da personagem no romance. Em seguida, analisaremos o processo constituído do respectivo personagem, considerando os efeitos que refletem as cicatrizes do personagem, por sua vez, refletiremos sobre os sentidos construídos a partir da (re)construção de Aquiles Arquétipo enquanto potência.

3 A CONSTRUÇÃO ANTICOLONIAL DE AQUILES EM LUANDA, LISBOA, PARAÍSO

Neste capítulo analítico, abordamos como é estabelecida a construção de Aquiles sob as principais táticas que regem sua trajetória enquanto protagonista da narrativa. Por isso, serão elencados nas seções a seguir sobre os princípios que norteiam as marcas mais expressivas sobre sua trajetória enquanto personagem e as condições que atribuem o modo pelo qual Aquiles sobressai o caráter ideológico e racial como ferramenta para controlar o peso que a história estabelece sobre si, sendo possível evidenciar a configuração da perspectiva anticolonial em sua construção ao abordar os aspectos raciais.

Ao considerar o nosso *corpus*, constituído dos aspectos que estão vinculados às estratégias que fundamentam os princípios raciais, torna-se evidente que a construção do protagonista é condicionada às possibilidades de um trabalho complexo sobre o ser negro. Diante de uma esfera que tende a contemplar o preconceito racial, mas que o sentido anticolonial parte desses fatores que constroem as formas de se viver. Além disso, destacamos em sua construção a presença dos aspectos mitológicos, também enquanto imigrante e guerreiro distinto, dessa maneira abordaremos o percurso de Aquiles, contribuindo para a sua visibilidade na narrativa.

3.1 As marcas da representatividade racial e intertextualidade no Aquiles de Djaimilia Pereira de Almeida

A proposta de análise sobre a construção de Aquiles é a principal base correspondente ao estudo sobre o personagem. Em vista disso, são empregados vários pontos que são as bases estratégicas que favorecem o trabalho analítico da categoria, pois isso envolve aspectos constituídos sob algumas marcas que estão vinculadas ao personagem durante suas ações e relações que colaboram o surgimento que vem refletindo sobre sua representação e sua originalidade enquanto figura literária, culminando no tratamento político que vivencia.

Ao analisarmos o protagonista do romance *Luanda, Lisboa, Paraíso* ressaltamos o fenômeno da linguagem que constitui a sua formação enquanto personagem ao expressar um mecanismo interpretativo sobre o critério de intertextualidade, pois “Cada texto retoma texto anteriores, reafirmando uns e contestando outros e, utilizando sua ‘matéria prima’, se inclui nessa ‘cadeia verbal’, pedindo resposta e se propondo como ‘matéria prima’ para outros textos futuros”.

(BAKHTIN, *apud* COSTA VAL, 2004, p. 116). Assim, reconhecemos esse fator como primordial para a compreensão a princípio do personagem, tornando-se indispensável na efetivação do olhar sobre os aspectos da sua constituição ao longo da narrativa.

Ao considerar este viés, o protagonista foi construído sob as marcas da representação do sujeito negro, bem como em diálogo com a mitologia grega, pois o nome Aquiles faz uma intertextualidade com o mito do calcanhar de Aquiles, que foi considerado o maior guerreiro de Troia, com isso questionamos outras guerras enfrentadas pelo Aquiles da narrativa, também os aspectos físicos, pois é feito um contraponto com o da mitologia, já no romance aborda ele negro e deficiente, o calcanhar é o seu ponto de força. São nesses dois aspectos de história e mitologia que ocorre a representatividade do personagem. Por isso, que o romance aborda: “Se uma história se parece com um corpo de um animal, então pode começar por um calcanhar”. (ALMEIDA, 2019, p. 9). Com este trecho, inferimos a relação do personagem no início da narrativa referenciando a origem do seu nome.

Convém lembrar ainda que a representação do nome Aquiles na narrativa remete ao sentido de nação e luto. Pois, Aquiles retoma esses elementos favorecendo as marcas históricas, a partir disso, evidenciamos a questão do luto, mortes e renascimentos literais e simbólicos que Aquiles vivencia ao longo do romance como forma de questionar a sua construção que retoma fatores que favorecem o seu renascimento. Destarte, enquanto a criação do Aquiles de Homero foi cheia de alimentos e educação, a do Aquiles de Djaimilia foi cheia de privações e dores que predominam em vários aspectos do personagem negro.

Além disso, a narrativa aborda que tal origem da escolha do nome é uma escolha familiar, pois: “O pai deu-lhe o nome helénico, tentando resolver o destino com a tradição. ‘Vale mais nascer grego em guerra de troianos do que nascer gazela em terra de leões’, alvitrou em erguer o menino no dia que Aquiles foi batizado.” (ALMEIDA, 2019, p. 9). Dessa forma, expondo a simbologia que é conferida ao nome Aquiles. No entanto, no desenvolvimento da narrativa, o personagem diferencia-se, pois não carrega valores que caracterizam valores referente à nobreza como no gênero epopeia, já o Aquiles do romance representa outros princípios ideológicos vinculados ao caráter racial.

Mediante isso, a compreensão firmada à categoria de personagem se dá conforme: “São formados por forças sociais e históricas maiores do que eles, são

moldados por processos que somente às vezes percebem. Isso não significa que sejam meros joguetes dessas forças.” (EAGLETON, 2017, p. 46-47). Por isso, deve-se considerar o processo de transição entre o elemento narrativo e a criação fictícia como forma de aprimorar a sequência de ações que é estabelecida para possibilitar o seu papel ativo na narrativa. Com base nas forças sociais e históricas estabelecidas sob o personagem, remetem-nas a uma Angola que pensa em independência, também é um contexto que traz a permanência de práticas colonialistas.

Com relação à representação dos mitos na literatura, é válido frisar que essa representação intertextual é estabelecida em Aquiles como forma de compreender a complexa relação do personagem advindo de um mito literário que fez história no âmbito literário. Para isso, o *Dicionário de Mitos Literários* (2005), diz a seguinte afirmação:

Na verdade, se na literatura um mito assinala uma história exemplar, ela própria cristalizada em geral em uma imagem prestigiosa e dinâmica porque reúne ou resume o espírito mais profundo de uma cultura, toda narrativa ou imagem digna de uma expressão literária pode sempre remontar a um ou vários arquétipos [...]. (BRUNEL, 2005, p. 89)

Diante disso, compreendemos sobre o papel e a valorização das imagens que circulam para expressar ou representar aspectos sociais que envolvem a história. Por isso, enfatiza a noção de arquétipos como forma de promover o debate que é condicionado nas personagens contempladas no texto literário. Para isso, notamos tal concepção na obra *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2019), como forma de possibilitar discussões sociais e históricas, expondo diversos fatores na (re)construção de Aquiles a partir da noção de arquétipo.

Para a compreensão sobre Aquiles, é fundamental considerarmos a noção de arquétipo: “a) Para começar entendamos arquétipo como o protótipo, o primeiro elemento real na crítica histórica de textos e manuscrito arquétipo, ou imaginário, sem que uma apreciação qualitativa se prenda necessariamente à coisa.” (BRUNEL, 2005, p. 90). Dessa maneira, enfatiza-se esse princípio de conceituação sobre “arquétipo” e “protótipo” em relação tanto ao imaginário criado, como também a relação histórica de textos que circulam nos meios sociais.

Seguindo essa visão sobre mito na literatura, considera-se que, “não há mito literário que possa, a partir de um dado desse gênero, decodificar-se de maneira unívoca de lugar em lugar de época em época.” (BRUNEL, 2005, p. 94). Com isso, ressaltamos que o arquétipo não será tratado em forma definitiva e exclusiva e como

um produto acabado, mas sim enquanto forma de expressão histórica e fictícia, pois nasce e renasce a partir das possibilidades de criatividade e interpretações, por isso obedece a um caráter amplo de compreensão.

O romance destaca que a figura do personagem Aquiles retoma as esferas que permitem considerar princípios e marcam a sua construção enquanto herói: “Lembrando-o não como um herói de uma guerra sem sentido, não como uma massa aleatória de sangue, carne e alma, mas como um homem que ninguém viu, que não foi, mas poderia ter sido.” (ALMEIDA, 2019, p. 58). Diante disso, tornam-se evidente o processo de conflitos e a dialética sobre a configuração do protagonista na narrativa, as marcas da existência sob os efeitos circunstanciais, assim não repercute a ideia de arquétipo de maneira fechada. Dessa forma, a criação do Aquiles representa os Aquiles anônimos e abre possibilidades de existência ou não dessa figura.

Por essa razão que Azevedo (2021) afirma que a literatura centra-se dentro da história e contribui para construir o fato histórico, dessa forma, transformando-a constantemente. São essas estratégias com o texto literário que possibilitam um olhar mais efetivo sobre os personagens bem como para todo o processo de construção da narrativa. Sendo assim, pautando-se as formas de compreender e destacar as possíveis discussões englobadas com base no papel da literatura e sua relação com a história na ficção e na arte.

Vale salientar ainda que, de acordo com Franco Júnior (2009), em *Operadores da Narrativa*, a figura literária personagem mantém conexões quanto a sua classificação, com isso refletimos que Aquiles é redondo, isto é, marcado pela não-linearidade, embora se conecte com o tipo, que pode vir a ser um estereótipo em virtude da descrição baseada na categoria social. Os estereótipos tendem a reduzir os indivíduos em categorias muito enraizadas, contribuindo para enaltecer um tratamento preconceituoso, isso reflete em Aquiles. Portanto, atribui-se uma finalidade que o personagem literário obedece aberturas interpretativas ampliadas caracterizando-se a forma de ajustar o teor interpretativo quanto as suas ações.

O protagonista, ao apresentar os efeitos do desamparo e da sua deficiência, o que configura como algo inovador, é descrito da seguinte forma: “Aquiles foi atravessado pelo calcanhar malformado, que deixou Cartola às suas costas.” (ALMEIDA, 2019, p. 104). Assim, é possível notar os impactos da deficiência na vida do protagonista e isso é atrelado tanto à representatividade que é instaurada nele,

bem como o fato de possuir a deficiência, mas é diante de tal condição que surgem práticas que podem favorecer sua visibilidade, contribuindo para o surgimento da força de querer viver se manifestando nas pequenas formas de sua existência enquanto negro, imigrante, deficiente e em condição de pobreza.

Diante de um cenário em que os efeitos melancólicos condizem e expõem o ponto de partida para que na condição de imigrante: “Fala-se da luz de Lisboa, mas ela não iluminou Aquiles. Penou, sonhou e, num dia como outro qualquer, secou antes de dar flor.” (ALMEIDA, 2019, p. 65). Partindo disso, o personagem trata de mecanismos que contemplam a forma da existência sobre princípios que envolvem os efeitos subjetivos e relacionados à sua própria história e à desilusão na cidade portuguesa. Além disso, os traços melancólicos relacionados ao personagem remetem ao processo de transição, aproximando circunstâncias simbólicas quanto à descrição dos elementos como a luz, o sonho até a flor. Essa transição também retoma alguns elementos sobre a linguagem e aspectos históricos.

Conforme Morrison (2019) enfatiza sobre o plano e os princípios norteadores na implementação do paradigma que estabelece na efetivação da linguagem, considerando os fatores sociais e históricos. Por isso, a autora trata da linguagem que envolve todas as manifestações concretas que expressadas em forma do dizer, escutar, entre outros, podem incentivar ou exigir a entrega, a eliminação das distâncias que nos separam, sejam elas continentais. Distâncias de cultura ou o processo de distinção e indistinções de idade ou gênero, até mesmo as consequências da invenção social ou da biologia como ocorre com o personagem.

Diante dessa abordagem, Fanon (2008) levanta um importante questionamento sobre os povos colonizados, pois todos esses povos que nasceram diante de um complexo de inferioridade devido ao desaparecimento de sua originalidade cultural e com isso tomam posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. São esses pontos que podemos evidenciar na própria construção da narrativa, embora a família de angolanos não esteja no contexto colonial, porém se percebe a existência da complexidade e inferioridade na vida de Aquiles e os demais personagens, confirmando o contexto das colonialidades, isto é, de um colonial que não passou.

À representatividade de Aquiles, salientamos a relação de outro, pois: “Dentro da infeliz dinâmica, o *sujeito negro* torna-se não apenas a/o ‘outra/o’ – o diferente, em relação ao qual o ‘eu’ da pessoa branca é medido -, mas também ‘Outridade’ – a

personificação de aspectos repressores do 'eu' do '*sujeito branco*'." (KILOMBA, 2019, p. 37-38). É possível compreender sobre os fatores que permeiam a construção que permitem circular sobre o ser negro diante das atribuições que são controladas na vida desses sujeitos. Dessa forma, mais uma vez o romance estudado faz um diálogo no sentido racial e histórico ao apresentar o seu protagonista.

Por tratar-se do caráter racial em relação aos corpos negros, é importante enfatizar a noção dos corpos como forma de inferiorizá-los: "No racismo, corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão 'fora do lugar' e, por essa razão, corpos que não podem pertencer." (KILOMBA, 2019, p. 56). A construção de Aquiles e sua trajetória mantêm fortes marcas raciais, a sua terra de origem e quando passa a viver em Portugal. Com isso, é possível observar o racismo e também a luta por uma desconstrução racial sobre a noção de corpo inferior, que passa a ter uma visibilidade quando Aquiles sofre isso e também se mostra resistente a construção preestabelecida sobre ele enquanto protagonista e representação.

O protagonista do romance, portanto, reflete também noções sobre arquétipo, quando se refere ao sujeito negro: "O arquétipo dos valores inferiores é representado pelo negro." (FANON, 2008, p. 160). Com isso é possível verificar o efeito, quando retrata o inconsciente coletivo, pois este é solidário com a estrutura cerebral. Os mitos e os arquétipos são experiências permanentes nos indivíduos, por isso que a narrativa faz um percurso, possibilitando resgates históricos na construção do seu protagonista, é nessa condição que investigaremos os princípios raciais e a visibilidade da potência no percurso da personagem no próximo tópico analítico.

3.2 As cicatrizes de Aquiles: a construção dos princípios raciais enquanto expressividade histórica na narrativa

Em atendimento à proposta de análise, aqui temos como foco a construção entrelaçada aos princípios raciais, demonstrando a expressividade das cicatrizes presentes em Aquiles, tornando explícito que o personagem e sua condição que lhe foi atribuída historicamente. Para isso, ao considerar que os resquícios e as cicatrizes demarcadas no protagonista possibilitam redimensionar o âmbito da esfera histórica

e social, reconstrói dentro do romance concepções que permitem visualizar a raiz dos problemas que efetivam tais ações de caráter histórico.

A princípio, o romance apresenta Aquiles enquanto um deficiente que já comportava limitações, durante a infância isso torna um ponto inicial para elucidar a sua trajetória, culminando em sua construção que vem desde Angola, período que antecede a sua chegada em Portugal, são as primeiras aparições do personagem no cenário em conjunto com o meio social. O trecho a seguir aborda a sua passagem pela escola:

A rapidez com que tudo se deu não impediu que Aquiles passasse a ser o coxo com quem os miúdos gozavam quando chegava à escola, carregando uma pasta preta que tinha servido ao pai quando este entrou na missão católica, no fim da década de 1930. (ALMEIDA, 2019, p. 14)

Nesta passagem literária, é possível evidenciar alguns pontos de suas limitações que também possibilitam entender as cicatrizes do personagem ao longo da história. Vale salientar que vem desde essa noção de “coxo” (pessoa com deficiência), isso expõe que Aquiles também sendo um negro, vai haver uma maior repercussão do que sendo de pele branca. Então, esses aspectos que o caracterizava contribui para um olhar que questione as atribuições que irão entrar no caráter racial da narrativa que mais a frente será abordada.

Com base nas ideias sobre as cicatrizes do protagonista, é possível notar que “Aquiles tirou o boné e estendeu as pernas. As cicatrizes ficaram expostas, o que já não incomodava as mulheres.” (ALMEIDA, 2019, p. 121). Diante disso, a noção de cicatriz vem atrelada aos princípios raciais e sociais que a história colonial concebeu na vida do personagem, são cicatrizes que resgatam as marcas da história sobre Aquiles como também no sentido das cirurgias realizadas o que não é suficiente para entendermos essa noção, por isso remete às concepções históricas e raciais.

Tais valores que correspondem ao processo de formação do personagem, por isso é descrito: “Aquiles aquele preto coxo.” (ALMEIDA, 2019, p. 151). Em relação a isso, compreende-se toda uma carga que se faz necessário refletir e direcionar o sentido do tratamento racial e possibilitando notar a especificidade de entendermos tais cicatrizes no próprio tratamento referido a personagem. A reprodução de discursos que podem colaborar para o entendimento das cicatrizes de Aquiles ao longo da narrativa, permitindo também um posicionamento sobre o seu sentido enquanto sujeito subalternizado, poder se conhecer e questionar os valores sociais.

Sob as marcas do personagem, vale ressaltar ainda o tratamento racial que o pai tinha em relação ao filho quando diz: “ ‘Cala boca, seu macaco’, berrava o pai se o filho ressonava a meio da noite.” (ALMEIDA, 2019, p. 125). Esse tipo de tratamento reflete a internalização do outro, como Morrison (2019) aborda sobre o processo de ser outro, isso é tão profundo e complexo pois o próprio pai reproduz tais discursos que enaltecem as cicatrizes sociais na vida de Aquiles. Dessa forma, torna exposto o preconceito racial enraizado socialmente inclusive por sujeitos pertencentes ao grupo.

Em relação às concepções que fundamentam o olhar sobre raça e racismo, é importante enfatizar “quando dizemos ‘raça’ em oposição a ‘racismo’, nós materializamos a ideia de que raça é de alguma forma um elemento do mundo natural, e o racismo seu resultado previsível.” (MORRISON, 2019, p. 12). São pressupostos que estão um como consequência do outro dentro da matriz social, isso se deve às múltiplas ações e aos olhares que estão a julgar e determinar posicionamentos que compactuam na implementação ideológica racista e colonialista de ambos os conceitos, possibilitando os jogos dos grupos referidos ao tratamento racial.

Nessa relação das cicatrizes, podemos notar um ponto muito aproximado da sua capacidade e criação: “Seria a única testemunha das suas dores, a voz da sua velhice até o dia em que deixasse de conseguir dizer o que lhe doía, como acontecia quando ainda não sabia falar.” (ALMEIDA, 2019, p. 58). O respectivo trecho representa a forma que Aquiles se via diante das limitações e sobrecargas que havia vivenciado, isso prova a sua capacidade de reconhecer e retornar ao seu passado como forma de compreendê-lo ao longo da sua formação e batalha que podia resultar em sua liberdade em vez de o oprimir.

Em relação ao modo pelo qual é mascarado o processo histórico social, a narrativa afirma que “Era medo de desequilíbrio, se não fosse inveja. Era medo da liberdade.” (ALMEIDA, 2019, p. 63). Com isso, observamos a propriedade que se concentra sobre a valorização de outros princípios que estão vinculados à liberdade, surgindo disso a desvalorização de determinados grupos sociais como forma de oprimi-los. Além disso, a própria construção que enaltece um certo receio de desconstruir os ideais que estão enraizados socialmente, é nesse ponto que favorece o surgimento de estratégias das aberturas na busca de liberdade e expressividade em meio às cicatrizes.

Ao retomar a concepção sobre o princípio racial e o sujeito, entende-se que ambos estão interligados, principalmente, em termos de história, isso teve forte influência do capital. Todas as repercussões, a partir dos princípios que envolvem a raça, servem para validar o processo de construção dos indivíduos, isso abrange uma trajetória que vem sendo estratégica nas práticas cotidianas sociais. Dessa forma, alguns estudos que operam sobre os mecanismos dos grupos subalternizados propiciam a autonomia diante dos mais variados sujeitos negros instalados na sociedade, consolidando as lutas pela perpetuação de seus direitos.

A representação das lutas encontra-se como nos movimentos das pedras da calçada em Lisboa, “As pedras da calçada resistiam aos seus avanços. Aquiles seguia aos tombos.” (ALMEIDA, 2019, p. 64). A expressividade de Aquiles em seu processo de construção racial mantém-se conectada as possibilidades dos tombos e dos avanços diários que norteiam as suas ações e relações em outro espaço geográfico fortemente influenciado pelo racismo colonial. Por isso que a sua força enquanto potência advém das pequenas possibilidades dos seus avanços que repercutem aos seus valores que potencializam sua força diária.

Vale ressaltar que Aquiles não tinha como impedir o que havia enfrentado ao longo da sua história, pois foram os fatos da sobrevivência e os acontecimentos diários sobre os pesos que o rodeavam e permitiam sentir-se em plena convicção e transformação de se conhecer diante da acepção do que lhe foi atribuído, como forma de considerar o seu passado com a finalidade de refletir a condição sobre o caráter subjetivo, por isso:

Ninguém poderia privar de carregar o que já tinha visto e o que já tinha enfrentado o seu espírito, nem o podia impedir de saber que tinha perdido, verdade que o libertava em vez de o oprimir, batalha que no fim ninguém podia ganhar senão aquele que pela última vez o recordasse.(ALMEIDA, 2019, p. 58).

Em vista disso, considerava que a verdade advinda de suas ações o libertava em vez de manter no caráter inferior, por isso se faz necessário entender que as batalhas enfrentadas por Aquiles são consideráveis para reforçar a sua expressividade aliada à conjuntura social e histórica sob os efeitos do processo racial, sendo que o personagem, por viver na pele todos os efeitos, ainda encontra em meio as suas cicatrizes a possibilidade de recriar-se no cenário demarcado pelos efeitos do colonialismo. Assim, apresenta-se com a finalidade de representar a luta dos menos favorecidos, expondo o seu caráter enquanto potência.

Ainda conseguimos afirmar que a narrativa sobre o delineamento da chegada de Aquiles e Cartola em Lisboa, deu-se de forma muito forçada em virtude do estranhamento e o vestir-se em outro espaço que até em então tanto ele quanto Cartola não estavam habituados, favorecendo uma transição sobre uma forma de compreender o período de renovar outras experiências em outro lugar:

À medida que se encharcavam e lhe começava a ser difícil arrastar o calcanhar, achou-se sem nada. Como poderia um rapaz sentir que perdera tudo se ainda não tinha história? A chuva dava-lhes as boas-vindas a Lisboa e, ao mesmo tempo despia-os. (ALMEIDA, 2019, p. 31).

A forma que Aquiles e seu pai são expostos na chegada em Portugal vem problematizar que na condição de imigrantes, sem muitas perspectivas de vida, vivem em outro espaço e isso também vai permiti-los refletir sobre a sua história. A história que possibilita um resgate dos seus próprios princípios sociais como forma de viabilizar as suas dores e cicatrizes manifestadas ao longo da sua trajetória, isso condicionado aos fatores que englobam a circulação dos próprios meios que intensificam o reconhecimento sobre Aquiles. Nesse trecho, o questionamento e a própria ideia da chuva fazem um resgate sobre o ser Aquiles no espaço-tempo social.

Ao partir das limitações raciais do protagonista, é possível enfatizar sobre: “A desumanização racista não é apenas simbólica; ela delimita as fronteiras do poder.” (MORRISON, 2019, p. 16). A configuração racista é relacionada à questão do poder sobre o outro, por isso a teórica menciona o caráter simbólico como forma de avaliar e observarmos que não é possível concluir que esse processo se restringe ao fato simbólico. Por isso, a manifestação social em torno do ser “outro” faz possíveis diálogos que adentram a esfera política, pois permite o processo de complexidade no entendimento da matriz ética social.

Ademais, ao atribuímos sobre o pensamento do ser negro: “Em termos de consciência, a consciência negra se considera como densidade absoluta, plena de si própria, etapa anterior a toda fenda, a qualquer abolição de si pelo desejo.” (FANON, 2008, p. 122). Com isso, compreende-se que a própria noção do negro, dentro da conjuntura social, delimita-se em algumas estratégias que retomam o ato de liberdade concreta, durante a efetivação dos seus direitos diante de um cenário mascarado por atos que tentam subordinar o negro, mas o pensar negro é convicto de sua autonomia enquanto sujeito.

Como ponto de partida sobre o negro, é importante salientarmos que: “O racismo colonial não difere dos outros racismos.” (FANON, 2008, p. 87). Pois o racismo, embora manifestado em diversos contextos, mas todos estão ligados à mesma raiz, ou seja, partem da mesma origem, por essa razão que tanto os efeitos como também os resultados originam problemas sociais que condicionam os sujeitos que sofrem e enfrentam uma herança histórica muito complexa e difícil em termos de igualdade, mas que o problema maior foi o colonialismo como pioneiro na implantação da desigualdade racial.

De acordo com Morrison (2019), existe um dilema sobre os limites reais no sentido da luta sobre os problemas persistentes das relações de raça e o racismo, com isso se pode evidenciar a busca por uma sociedade em que uma parte tenta de alguma forma combater. Sabendo que essa distinção acaba provocando questionamentos históricos e culturais promovendo um choque social diante de uma realidade muito presente no sentido do ser “outro” no contexto atual. Por essa razão, que a literatura tem sido fundamental nesses possíveis diálogos que estão vinculados à estrutura social e à narrativa com o seu protagonista possibilita refletir sobre tais questões.

Neste sentido, também é possível entender que o percurso da condição de outro, envolve “O trabalho psicológico da outremização, de convencer-se da existência de alguma forma de distinção natural e divina entre escravizador e escravizado.” (MORRISON, 2019, p. 13). Diante disso, compreendemos sobre as possíveis repercussões dos efeitos psicológicos que estruturam o processo racial, por isso as cicatrizes estão como marcas desse passado que vêm sendo propagadas pelo colonizador e o negro escravizado, essa escravização tende a querer manifestar-se no contexto atual mesmo que de forma mais silenciosa.

As cicatrizes de Aquiles, portanto, favoreceu o diálogo entre o social e histórico na esfera da vida. No entanto, vale mencionar que, por mais que essas cicatrizes não estejam totalmente saradas, diante das várias feridas deixadas pelo período colonial, é possível notar ao longo da narrativa as lutas desse angolano na cidade de Lisboa, pois muitas vezes diante de um cenário de miséria e preconceito, Aquiles se mostrava motivado a viver e (re)construindo seus valores enquanto imigrante e representante negro, como será abordado na subseção a seguir.

3.3 A visibilidade da luta anticolonial em Aquiles

Ao focarmos na visibilidade da luta anticolonial no protagonista do romance estudado, torna-se um critério de suma importância analítica para o entendimento sobre sua construção inserido na narrativa. Podemos mencionar ao tratamento em específico que Aquiles inicia em Angola, pois a luta inicia-se marcando a sua visibilidade diante do contexto de disputa colonial. Porém, quando chega a Portugal, se evidenciam as novas experiências que surgem em sua vida bem como as condições que favorecem essa luta tida como forma de fortalecer seu caráter subjetivo enquanto negro e angolano.

Neste sentido, a relação de Aquiles enquanto deficiente e suas limitações, por isso: “Talvez só tivesse nascido coxo para que desse apenas um passo de cada vez [...]” (ALMEIDA, 2019, p. 63). A expressão “um passo de cada vez” remete não só a sua condição de deficiente, mas a toda realidade de Aquiles que está vinculada ao participar da construção da luta anticolonial como forma de fortalecer sua história de vida, pois existe um percurso que o personagem viveu para manifestar continuamente por uma igualdade social, com isso surge a sua visibilidade na narrativa.

A partir da liberdade do protagonista, destacamos: “[...] fora mais simples do que esperava, saber Aquiles independente.” (ALMEIDA, 2019, p. 62). Com isso, o protagonista possuidor de várias cicatrizes relacionadas aos princípios históricos, desencadeia um ato de desobediência ao tocar nos ideais de liberdade, por mais que o contexto atual dê visibilidade, mas esse processo corresponde ao social e histórico, permitindo refletir e aprofundar sobre as marcas e a noção de uma independência que podem ser favorecidas nas aberturas que configuram um olhar contrariando os pensamentos deixados pelo colonialismo.

Em relação aos aspectos mencionados sobre Aquiles, surge mais uma vez a prova da sua força, pois “Aquiles não veio para se vergar.” (ALMEIDA, 2019, p. 15). Ao estabelecer esse ponto Aquiles, demonstra que, apesar das circunstâncias, não o privilegiar, ele se mostra firme em aplicar suas estratégias que permitem viver de forma menos inferiorizada, com isso é possível notar a configuração das tentativas do personagem em mostrar a sua realidade, permite a reivindicação sobre os fatores que estão relacionados à sua construção enquanto negro. Dessa maneira, a existência das marcas não impede de ser quem ele quer ser.

Mediante isso, sobre as possibilidades da relação sobre raça: “Perder o próprio *status* racializado é perder a própria diferença, valorizada e idealizada.” (MORRISON, 2019, p. 14). Torna-se importante frisar sobre o poder e a valorização no que se refere às relações de raças que circulam na base social e dessa forma no protagonista estudado, vale refletir que ele tenta de alguma forma se articular contra todo o tratamento racial preconceituoso e inúmeros outros pontos, isso demonstra essa problemática sobre a raça inserida sob a ótica das diferenças, provocando a potência dos menos favorecidos no sentido histórico racial.

Em Portugal, Aquiles e seu pai iniciam a jornada de vida sob a ótica das lutas minoritárias raciais e no trecho a seguir mostra a recepção dos angolanos em Lisboa: “Aquiles olhou para Cartola e reparou que o colarinho do pai pingava. A chuva não tem vontade própria, mas, ao cair, Aquiles sentiu que a água os lavava.” (ALMEIDA, 2019, p. 31). Essa chuva sobre os personagens remete a uma noção de renascimento no novo lugar, considerando os aspectos que irão provocar as dificuldades de vida entre outros fatores nos personagens, mas que, a partir disso, gera-se o movimento de vida que tende a favorecer as possibilidades de aberturas nos personagens.

As novas experiências de Aquiles em Portugal tornam-se um ponto relevante sobre as possíveis estratégias que favorecem sua (re)construção na narrativa, pois esse outro lugar resultou no processo de amadurecimento não apenas externo, mas do seu interior ao estabelecer novas relações que foram a base de revelar a Aquiles a sua existência, por isso:

[...] Aquiles estava iluminado com o renascimento que as novas amizades tinham trazido ao pai. Paraíso já fizera ambos esquecerem do calcanhar de Aquiles e os anos de hospital pareciam-lhes uma vida distante. O filho ganhou um ânimo renovado. (ALMEIDA, 2019, p. 169)

Ao partir disso, a personagem em análise aparece com outros aspectos que apresentam um fortalecimento sobre suas novas experiências e a força de querer viver apesar das várias limitações, que não impediam de caminhar para direcionar seu percurso enquanto expressividade negra. Dessa maneira, Aquiles vai iniciando suas práticas que surpreendem na busca de alcançar seus objetivos em diálogo com o seu interior. Possibilitando o resgate tanto no sentido histórico bem como do ser diante do contexto social em que é inserido, atribuindo novos valores que favorecem o encadeamento em sua trajetória de vida.

A perspectiva sobre Aquiles vem demonstrar sobre as noções que envolvem a raça e o olhar anticolonial, servem para refletir o seu sentido enquanto figura negra, as condições e experiências dele em Portugal permitem resgatar e favorecer a sua posição enquanto potência. Dessa maneira, ele é apresentado: “Aquiles era um princípio.” (ALMEIDA, 2019, p. 73). Esse princípio serve para atender e perceber o sentido de liderança enquanto figura negra, mesmo diante da margem social, como também para evidenciar que isso não o impedia de viver e lutar pelos valores que são necessários para se viver socialmente sua trajetória de potência.

Em virtude disso, de acordo com Fanon (2008), o negro não deve mais ser colocado diante do dilema, entre branquear ou desaparecer, pois deve poder tomar consciência de uma nova possibilidade de existir. Deve-se considerar que a sociedade cria dificuldades por causa de sua cor, mas isso é algo que perpassa ao longo da história, pois faz parte da origem do conflito instaurado nas estruturas sociais. Desse modo, o objetivo será esclarecer as causas, tornando o sujeito negro capaz de escolher ser ação diante dos cenários que impõem certas práticas idealizadas raciais.

O romance enfatiza também sobre a noção de singularidade nos personagens como forma de particularizar, por isso ressalta: “Cada homem é um ser singular, mas a sua expressão abatida dissipa aquilo que os torna únicos.” (ALMEIDA, 2019, p. 110). A singularidade se faz presente em Aquiles e Cartola, são negros em busca pela luta da sobrevivência no sentido do capital bem como do tratamento racial em meio às diferenças que tendem a desqualificá-los na conjuntura social. Por isso, também é ressaltado sobre a expressão do ser, diante do cenário de sofrimento que se encontravam em meio a isso expressavam forças de viver.

Com relação aos aspectos que circulam sobre o poder do homem e o movimento no mundo, é válido ressaltar: “Movimento de agressividade que engendra a escravização ou a conquista; movimento de amor, de doação de si, ponto final daquilo que se convencionou chamar de orientação ética.” (FANON, 2008, p. 53). Dessa forma, torna-se um ponto essencial em tratar a questão da singularidade na vida do personagem, considerando o movimento e também a orientação ética que circula na construção do seu sentido no mundo.

Quando se trata da luta anticolonial do personagem, observa-se a demonstração sobre o percurso e contexto em que vive: “A água do chuveiro cai em cima da cabeça de Aquiles e os sonhos reaparecem, mas cada vez mais esparsos.

Sai do banho, perfuma o cabelo com desodorizante, espalha creme nos pés, veste-se, sai pra rua com fome.” (ALMEIDA, 2019, p. 143). Desse modo, o trecho especifica tanto “os sonhos” que remete o sentido imagético do personagem bem como as dificuldades que ainda perpassam sobre o sistema que é enraizado na estrutura social, isso aponta o tamanho da luta do personagem, que favorece sua visibilidade na narrativa, desencadeando o vestir-se diante da roupagem que lhe corrói, já que é posto como negro e desfavorecido economicamente.

Por conseguinte, Aquiles faz parte de um contexto marcado por cicatrizes e dificuldades, é a partir disso que torna relevante o seu papel de negro para construir uma luta que possibilite o aparecimento de sua voz enquanto figura subalternizada. Por isso existe uma visibilidade muito articulada em sua construção, quando Aquiles representa os princípios raciais e sociais por meio da história, concretizando o encadeamento do seu percurso na narrativa aproximando de novas experiências. Assim, ocorre a costura de seu papel, aliando-se aos fatores de história e a concepção política anticolonial na vertente literária.

Ao definirmos todos os aspectos que emergem sob Aquiles, faz-se necessário pontuar as próprias ações do personagem que elevam ainda mais o seu pensamento como ponto de partida das estratégias que valorizam a luta anticolonial, surgem desse olhar sobre si entrelaçando ao imagético, vestindo-se a partir de sua própria força aliada as suas ações externas, assim o personagem consegue exprimir a capacidade de aniquilar o que o devasta no seu sentido interior. Dessa forma:

Aquiles vai invencível na solidão, enche o peito de ar, inspira contra o vento resiste. Sente-se limpo, lavado cheira a perfume que pôs no cabelo, o vento entra-lhe pelo nariz. Ele pode tudo, quer tudo, consegue tudo. É o homem que se encontrou sozinho em Lisboa. (ALMEIDA, 2019, p. 144)

O trecho acima condiz com as ações propriamente efetuadas pelo personagem, quando alia a própria condição existencial de solidão, bem como a força que expressa em conquistar diariamente seu objetivo enquanto negro em um espaço fortemente marcado pelo eurocentrismo gerando a dominação de mundos distintos. Com isso, percebe-se a perpetuação da condição de um personagem que tentaram dominar e sentiu os efeitos da desigualdade, seja de raça ou da classe capitalista. Mas, ainda assim, enxerga possibilidade até mesmo no ato de dizer que “pode tudo e quer tudo” com isso expressa a voz muito marcada pelo olhar

anticolonial que quebra o destino traçado *a priori*, o de sofrimento e escravização do personagem negro.

A construção de Aquiles, desde Angola, vem muito enraizada aos princípios de raça, porém quando ele cresce e vai morar em Portugal, começa a possuir mais autonomia na narrativa, ele percebe em muitos momentos que seu questionamento parte da sua própria relação subjetiva sobre si. Os fatores psicológicos e raciais estão relacionados em sua construção enquanto figura literária, assumindo um papel de representatividade e surgem as suas ações e relações na trama, possibilitando a efetivação do olhar na condição de outro, a questionar a sua realidade demarcada por vários problemas que elevam esse poder de se conhecer.

No que se refere aos padrões que circulam a construção sobre a esfera racial, entende-se que “O racismo faz diferença. Ser um outro neste país faz diferença, e a verdade desanimadora é que provavelmente continuará a fazer.” (MORRISON, 2019, p. 17). Possibilita avaliar o processo de aceitação social sobre os contrastes que estão no âmbito das culturas e a condição que permite articular a forma de problematizar tais distinções quando se refere ao modo pelo qual são aceitos a propagação da imagem enquanto figura e isso é muito evidente no personagem.

Nesse processo de lutas fragmentadas ao longo da narrativa, ressaltamos Aquiles nessa cadeia de ajudar e ir em busca da liberdade, é firmado com o trecho a seguir: “Tinham precisado de ajuda. Mas, por terem ajudado, libertaram-se um do outro.” (ALMEIDA, 2019, p. 191). Desse modo, surge a sua expressividade nas próprias condições de abrir espaços sobre o seu sentido enquanto libertação, isso vai envolver suas experiências com os outros personagens e também a sua relação com seu pai Cartola, pois estavam muito ligados um ao outro. O jogo de liberdade e ajuda nasce a própria abertura do protagonista, com isso é necessário compreendermos e retomar o fenômeno da linguagem.

Na visão de Fanon (2008), existe uma atribuição fundamental ao fenômeno da linguagem. Por isso é necessário este estudo, pois favorece a compreensão dos elementos sobre a dimensão do processo racial do homem, partindo do conceito de potência na sua construção. Sendo possível enfatizar a complexidade que se dá a partir da junção da diferenciação dos sujeitos, pois existem muitas descrições e definições para o negro que muitas vezes não ajudam como deveria, diante de um processo de desconstrução social, por isso que o racismo é tão forte no momento

atual em virtude também dos estereótipos que o asseguram, assim como ocorreu com o personagem angolano.

Ao retomar a visibilidade presente em Aquiles no sentido anticolonial, é necessário observar o seu percurso a partir do fragmento: “um passo de cada vez”. Ele sintetiza a sua trajetória, não somente na condição da sua deficiência, mas ao olhar a forma que resistiu, lutou e se firmou em viver em Portugal. Aquiles demonstrou os jogos do interior e as relações que possibilitou viver experiências que resgatou e construiu valores ao olhar sobre si na condição de negro, vivenciando várias formas de racismo e problemas relacionados ao capitalismo. Ou seja, a partir da desigualdade, o seu “calcanhar” não foi seu ponto fraco e muito menos a sua cor, assim se difere do Aquiles de Homero. Desse modo, conseguiu refletir seus efeitos mais profundos e complexos.

O protagonista, portanto, retomou problemas raciais e sociais em sua construção, mas alicerça suas próprias aberturas para pensar o caráter racial, isso torna evidente o seu esforço enquanto figura literária. Pois expõe com maestria fatores que denunciam a realidade sobre o negro e isso possibilita olhar a grandiosidade das suas ações na narrativa em meio às feridas que o rodeava. Aquiles constrói e se reconstrói no romance, demonstrando que a sua voz pode ser mais valorizada na esfera política enquanto elemento literário.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente *corpus* analisado reivindica uma problemática histórica retratada na trajetória de Aquiles, pois abordou as feridas coloniais presentes na realidade do personagem. Não só em função da reprodução dos aspectos que circulam em massa, mas, sobretudo, por que não se destinam apenas à prática de uma valorização hierárquica, visto que atualmente a exploração dos efeitos sobre ser negro tem explorado questões sociais a fim despertar o efeito da autonomia e identificação no sentido racial. Assim sendo, a obra abordou o percurso do personagem negro, por isso como foi dito antes, o desenvolvimento desta pesquisa pode contribuir para a reflexão da construção anticolonial em relação ao olhar subjetivo ideológico da figura negra.

Neste sentido, o nosso objetivo geral foi analisar a construção anticolonial do personagem Aquiles no romance *Luanda, Lisboa, Paraíso*, (2019), de Djaimilia Pereira de Almeida. Para isso, primeiro identificamos os principais aspectos defendidos através do personagem, com isso extraímos vários recortes que permitem costurar e ampliar ainda mais o estudo analítico. Diante disso, constatamos as principais afirmações que possibilitam compreendermos como as ações articuladas no personagem demonstram o caráter de abordar as esferas que circunscrevem o seu olhar de atenuar o sentido que consolida a sua manifestação ontológica.

Ainda com relação ao primeiro objetivo específico, problematizamos no respectivo personagem, a perpetuação do colonialismo sendo manifestando em várias esferas, principalmente, no sentido racial e social na trajetória de vida de Aquiles. Pois, como já foi mencionado desde Angola até Portugal, existiu-se a predominância de alguns efeitos que circundam no protagonista. Ou seja, percebeu-se como tais recursos reforçavam os pressupostos defendidos, pois serviam na construção do personagem enquanto a parte de caráter racional da sua relação de existência no meio que se encontrava, muitas vezes mascarado por circunstâncias em que o possibilitava questionar o seu olhar sobre si diante de um cenário muito marcado por ideais que permitem compreender o sistema sobre a valorização racial.

Quanto aos segundo e terceiro objetivos específicos, investigamos os princípios hierarquizados sobre o negro, costurando as suas ações a política e o papel representativo de negritude como também a identificação da visão anticolonial durante todo esse processo de construção de Aquiles. Assim, o personagem entra

nesse processo analítico desde o seu tratamento em Angola até a chegada em Portugal, suas ações, limitações, os jogos de encadeamento na sua trajetória foram possíveis para evidenciar seus valores nas ações que funcionavam como pontos de acordo para a interação no desenvolvimento de Aquiles no seu sentido enquanto negro em busca de suas realizações, bem como para demarcar a sua (re)construção pautada no caráter racial e histórico.

No caso da construção da narrativa, compreendemos também que, em meio à forma, remete a própria noção do “negro”, mediante isso por definição prescrevia que esse termo no meio social e se constituía como uma redefinição do termo em oposição às definições impostas ao negro na sociedade, principalmente, quando Aquiles é apresentado questionando alguns valores que permitem adentrar no processo de aberturas sobre si. Em vários momentos existiam as próprias formas de vislumbrar a sua liberdade e independência isso retomava desde o país de origem, Aquiles era comparado a partir de fatos históricos, confirmando ainda mais a sua expressividade e representação enquanto negro e figura literária.

Em relação a sua abordagem enquanto Arquétipo literário, surge o vínculo que apontava o motivo pelo qual os rótulos serviam para evidenciar o poder que se instaura em um personagem que não expõe os ideais de nobreza, como também do homem branco representado assim, um processo de (re)construção literária. Visto que ele não era um só, por sua vez, a comparação que surgia do ponto de vista de arquétipo com a sua própria pele, possibilitava uma nova roupagem de compreender um Aquiles não mais voltado ao herói de Homero, mas um Aquiles do povo e da margem social. Enquanto o estabelecia uma relação de causa e efeito entre os mecanismos sobre sua própria construção, posto que tudo o que acontecia com ele gerava uma reação que permitia compreendê-lo enquanto potência. Desse modo, tais efeitos se adaptavam em Aquiles, visto o que precisava reforçá-lo.

No tocante as cicatrizes do personagem, foi possível afirmar que tais valores correspondem ao processo de formação do personagem, por isso é descrito a quem transgride o caráter racial aproximando ainda mais das formas que permitem construir suas próprias estratégias na narrativa. Bem como pelo fato da dissociação de noções distinguia o modelo de ser negro construído pela sociedade e o modelo de que foi proposto pela narrativa, o que significava que o primeiro era um antigo modelo, enquanto o segundo deveria ser refletido como possibilidade de considerar o negro na matriz social. Por sua vez, apontava como o modo de viver do

personagem era avaliado como um efeito positivo, pois atribuía ao Aquiles negro o sentido de força.

Com isso o personagem apresentava os efeitos de viver em meio as consequências que estavam a sua disposição, tais noções reforçavam ainda mais o processo de distinguir a noção de viver enquanto negro com a noção de existência sobre a valorização que ao mesmo tempo provocava a sua potência já que era tratado como “outro”, pois viver com limitações é uma tentativa de desobediência. O que significava viver uma vida de princípios complexos, mas Aquiles não se limitava as suas ações de sobrevivência e sim restabelecendo uma nova história. História essa que não estava livre de pensamentos estereotipados, mas que são a partir desses pensamentos que possibilitam o processo de reconhecimento e do poder da sua existência enquanto elemento político literário.

Por tratarmos de princípios que envolvem o caráter racial na literatura, foi primordial entender o percurso que possibilitou a forma que o personagem desenvolveu-se em meio as suas limitações. Resultando no seu diferencial atribuindo novos valores que permitem vislumbrar a sua existência ao longo da narrativa. Com isso, Aquiles promoveu um debate para a esfera do âmbito social e político nos estudos literários, tendo em vista que do ponto de vista ideológico as práticas que envolvem a raça estão em constante processo de aprimoramento. Vale destacar que a sua trajetória na narrativa foi bastante complexa e ao mesmo tempo com uma nova perspectiva favorecendo o surgimento de sua potência, por mais que ainda de forma limitada.

A visibilidade de Aquiles ao longo da narrativa tornou-se um importante aliado ao trazer aspectos que fomentam ainda mais a sua expressividade de negro fortemente marcado por discursos que permitiram delinear a sua forma de relacionar-se com os outros e consigo mesmo. No entanto, a partir do momento que se percebe nessa conjuntura, a visibilidade surge com muita força, pois não é mais o Aquiles herói, branco etc. Mas um Aquiles com uma nova perspectiva com outros valores que não estão inseridos no padrão social. Nesse ponto que a sua visibilidade a partir de suas minúcias irão fundamentar o processo de abertura e, conseqüentemente, vão promover uma dissociação da sua inferioridade criando uma estratégia que permite compreender o seu sentido e existência.

São nas experiências permanentes nos indivíduos que surgem o processo de neutralizar e considerar aspectos que estão à margem social, por isso que a

narrativa faz todo um percurso, possibilitando resgates históricos na construção do seu protagonista contemplando um viés que relaciona Aquiles possuidor de sua história e visibilidade em um cenário complexo sobre o processo de naturalização. Para a compreensão dessa concepção, enfatizou-se a condição própria do personagem que estabelece um elo sobre o ser no seu sentido político e ideológico.

Por conseguinte, conseguimos constatar como a adesão aos valores é transferida para o processo de criação de Aquiles em função do uso das estratégias da narrativa, o que configura na construção de Aquiles. Mas que a (re)construção dele é o que confere a credibilidade representada por ele na história. Ademais, conseguiu-se perceber, no decorrer deste estudo, como os valores funcionavam como um ponto relevante para a concretização dos aspectos que construiu o personagem, os quais formavam uma comunidade efetiva de ações e estratégias, no sentido de admitir os mesmos valores, mas também porque era necessário o entendimento da hierarquia de valores, em função da imagem construída, o que desperta a vontade de adquirir liberdade, visto que fazem surtir o efeito de confiança, livres e também na adaptação às mudanças.

Destarte, constatou-se que a construção de Aquiles na narrativa sobre os princípios hierarquizados que são presumidos em consideração às próprias condições do personagem se dirige os efeitos que desencadeiam a sua construção a partir do âmbito racial e político com isso colaboraram para sua (re)construção e das suas marcas que tanto ocasionou consequências complexas em sua trajetória. Ou seja, as consequências serviram para compreender a problemática inicial do personagem, que relacionou a partir das perspectivas vivenciadas uma forma estratégica de confrontar-se sobre si mesmo na ficção, visto que todo o processo de sua construção demandou um olhar abrangente sobre a sua expressividade para originar ainda mais a credibilidade ao âmbito racial.

Por essa razão, o estudo sobre Aquiles demandou um processo vinculado a sua construção não mais como um “herói”, retomando todos esses pontos que servem para elucidar sobre seus princípios na narrativa. Com isso, ressaltamos os principais pontos que se mostram como resultado desta pesquisa, por exemplo, a expressividade do personagem como representação histórica, dando um novo sentido de modo subjetivo sobre o ser negro, dessa forma conquistando uma visibilidade no sentido anticolonial, pois abrange os efeitos coloniais e a sua manifestação de maneira singular, possibilitando os jogos políticos no âmbito

literário. A visibilidade torna ainda mais consistente à perpetuação da condição de outro na concretização das lutas pelo valor do inferiorizado na matriz social.

A configuração da visibilidade racial na construção anticolonial de Aquiles foi o principal aspecto que impulsionou o olhar anticolonial, pois ao partir disso evidenciamos toda a problemática que retoma e refaz o personagem em seu sentido mais efetivo de modo que se faz refletir que partem das suas ações. Assim, Aquiles se esforça ao desenvolver a sua trajetória e transição que consolida o seu caráter subjetivo racial no encadeamento da sua potência, isso se firma ainda mais na comunidade Paraíso, pois a partir das novas experiências, do imagético e a sobrevivência em um outro lugar faz com que surjam práticas inovadoras no seu sentido enquanto representação histórica.

Em suma, esta pesquisa possibilitou compreendermos no romance o percurso do personagem vem despertar a vontade para adquirir táticas que promovam um olhar mais efetivo no sentido da relação do princípio racial, que depende da adaptação de novas perspectivas, ou seja, a linguagem de forma particular tem o seu papel fundamental nesse processo de restabelecer novas práticas no âmbito social. A construção de Aquiles, elaborada pela narrativa, não se distancia do contexto real e atual, visto que a obra retomou pontos tratados na realidade, embora, seja vinculado ao texto literário, foi possível evidenciar esses princípios que partem do personagem. Dessa forma, potencializou-se como é regido o diálogo entre a literatura, personagem e a corrente teórica que fundamentou o estudo, como também possibilita a abertura para outros possíveis caminhos interpretativos literários.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. **Luanda, Lisboa, Paraíso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AZEVEDO, Luiz Mauricio. **Estética e Raça: ensaio sobre literatura negra**. Porto Alegre: Sulina, 2021.
- BOSI, Alfredo. A interpretação da obra literária. In: **Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica**. São Paulo: Ática, 1988.
- BRUNEL, Pierre. **Dicionário de mitos literários**. Tradução Carlos Sussekind ... [et al.]; prefácio à edição brasileira Nicolau Sevcenko. – 4^o ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre colonialismo**. 1^a ed. Livraria Sá da Costa. Lisboa, 1978.
- COSTA VAL, Maria da Graça. **Texto, textualidade e textualização**. IN: CECCANTINI, J.L. Tápias; PEREIRA, Rony F.; ZANCHETTA JR., Juvenal. *Pedagogia Cidadã: cadernos de formação: Língua Portuguesa*. v. 1. São Paulo: UNESP, Pró-Reitoria de Graduação, 2004. p. 113-128.
- EAGLETON, Terry. **Como Ler Literatura**. Tradução Denise Bottmann - 1. ed. - Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2008.
- FRANCO JUNIOR, Arnaldo. **Operadores de leitura da narrativa**. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org). **Teoria literária: abordagem história e tendências contemporâneas**. 3^a ed. Maringá: Eduem, 2009. cap. 2, p. 33-58.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**. Tradução Jess Oliveira. – 1.ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 Edições, 2018.
- MBEMBE, Achille. **Sair da grande Noite: Ensaio sobre a África Descolonizada**. Tradução: Narrativa Traçada, Luanda: Ed. Pedagogo e das Ed. Mulemba da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, 2014.
- MORRISON, Toni. **A origem dos outros: Seis ensaios sobre racismo e literatura**; tradução Fernanda Abreu; prefácio Ta-Nehisi Coates. — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- RICOEUR, Paul. **A Metáfora Viva**. Tradução: Dion Davi Macedo. São Paulo: Editora Loyola, 2000.

ROANI, Gerson Luiz. **SOB O VERMELHO DOS CRAVOS DE ABRIL – LITERATURA E REVOLUÇÃO NO PORTUGAL CONTEMPORÂNEO**. Revista Letras, Curitiba: Editora UFPR, n. 64, set./dez. 2004. p. 15-32.

SANCHES, Manuela Ribeiro. **Malhas que os impérios tecem** – (Lugar da história). *In*: CÉSAIRE, Aimé. **Cultura e Colonização**. Lisboa: Edições 70, LDA, 2012. p. 253-272.

SANCHES, Manuela Ribeiro. **Malhas que os impérios tecem** – (Lugar da história). *In*: FANON, Frantz. **Racismo e Cultura**. Lisboa: Edições 70, LDA, 2012. p. 273-275.